Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quinta-feira **4.7.2024** / Diário / Ano 160.º / N.º 56 686 / **€ 1,50** / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

ELEIÇÕES NO REINO UNIDO

LONGE DA VITÓRIA, SUNAK TENTA EVITAR "SUPERMAIORIA" PARA STARMER

PÁGS. 4-5

PLATAFORMAS INFORMÁTICAS FALHAM E CAUSAM CAOS NA COMUNIDADE EDUCATIVA

EDUCAÇÃO Prazo para as matrículas do 6.º ao 9.º ano e 11.º termina amanhã e muitos pais ainda não conseguiram inscrever os filhos. A plataforma tem estado a funcionar intermitentemente. Programa E360 também é utilizado por muitas escolas para lançar notas, estando muitos docentes impedidos de o fazer. Ministério da Educação não dá respostas.

PÁG. 10

SUBSÍDIO

GOVERNO PS "VALORIZOU" RISCO NA PJ SEM TER PLANOS PARA PSP E GNR

PÁG. 6

ECONOMIA

GRANDES OPÇÕES PREVEEM INVESTIMENTOS DE 9,4 MIL MILHÕES

PÁG. 15

Opinião

Alberto Costa, ex-ministro da Justiça: "PGR: escolher"

PÁG. 9

Rui Paiva, ex-dirigente sindical do SEF: "Não contem com os inspetores da PJ para funções administrativas"

PÁG. 12

INEM

Vítor Almeida, anestesista e defensor da Medicina de Urgência é o novo presidente

PÁG. 11

Kevin Costner

O *western* ainda é o que era

PÁG. 22

42-42. A EQUAÇÃO EM TROFÉUS INTERNACIONAIS QUE MOSTRA O EQUILÍBRIO ENTRE PORTUGAL E FRANÇA

PÁGS. 18-19

Editorial

Valentina Marcelino
Diretora adjunta do Diário de Notícias

Polícias. Diz-me com quem andas dir-te-ei quem és

Estávamos em novembro de 2019 e o DN publicou uma reportagem que descrevia o seguinte: "Pacíficos e determinados, os manifestantes com as *T-shirts* do *Movimento Zero* foram dominantes no protesto organizado pelos dois maiores sindicatos da PSP e da GNR. A sua palavra de ordem – "Zero! Zero!" – foi a que mais se ouviu na caminhada entre o Marquês de Pombal e a Assembleia da República e, aqui, foram as mesmas palavras que mais alto soaram, num protesto em que os polícias começaram a desmobilizar pouco antes das 18.00 horas, depois de terem cantado o hino nacional de costas voltadas para a casa da democracia. Ficou clara a cumplicidade e a proximidade entre o *Movimento Zero* e o partido populista de extrema-direita Chega. Vestido com uma *T-shirt* do movimento de polícias anónimos, André Ventura foi o único político a subir ao carro de som da organização da manifestação – alegadamente sem ter pedido aos dirigentes dos sindicatos – e a discursar. 'Hoje vocês mostraram que a polícia unida jamais será vencida', gritou, seguido de uma chuva de aplausos e de gritos sonoros 'Ventura! Ventura!'."

O presidente do Chega era então o único deputado eleito pelo seu partido, com 1,29% de votos, nas Legislativas que decorreram cerca de um mês antes, a 6 de outubro, e a sua aproximação às polícias era já uma evidência: tinha identificado naqueles profissionais as fragilidades decorrentes de anos e anos a verem ignoradas por sucessivos Governos várias das suas legítimas reivindicações por melhores condições de trabalho. Tal como faz em relação a setores da sociedade que também se sentem desprezadas no que respeita aos problemas que sentem, soube despertar os seus "monstros", os seus medos, e instrumentalizá-los a seu favor. Inspirou os designados movimentos inorgânicos, como o *Movimento Zero* e, mais recentemente o *Inop*.

Na altura daquela manifestação em que os sindicatos ficaram literalmente "capturados" pelo Chega, tive ocasião de comentar com alguns dirigentes sindicais, os quais muito respeito, que os achara ingénuos. Argumentavam que se o *Movimento Zero* conseguia aquela mobilização, o melhor era navegar na onda, não acautelando que isso poderia ser o princípio do seu fim.

As narrativas "inspiradoras" do Chega foram fazendo o seu caminho. Em 2022, uma reportagem de um consórcio português de jornalismo de investigação, que inclui jornalistas, advogados e académicos, denunciou que quase 600 membros da PSP e GNR, a maioria no ativo, usava as redes sociais para violar a lei ao escreverem mensagens racistas e que incitavam ao ódio. O Ministério Público instaurou um inquérito, que ainda não está concluído, e a Inspeção-Geral da Administração Interna abriu processos disciplinares a 13 polícias, cujo desfecho ainda não foi conhecido.

Estamos em julho de 2024 e o Chega, agora com 50 deputados, apelou aos polícias para irem ao Parlamento, encher as galerias e as ruas junto à "casa da Democracia", para pressionar o Governo a aumentar o Subsídio de Risco, em relação ao qual os partidos, incluindo este de direita populista, vão apresentar propostas.

As principais associações representativas da GNR e a PSP demarcaram-se da convocatória feita por André Ventura por existirem negociações em curso com o Governo, sendo a próxima reunião já na próxima terça-feira.

Em declarações ao DN, Bruno Pereira, presidente do Sindicato Nacional dos Oficiais da PSP e porta-voz da Plataforma Sindical que junta sindicatos da PSP e associações da GNR, disse "demarcar-se" dos apelos do Chega, mas também que não vai apelar aos polícias para não irem ao Parlamento; Paulo Santos, presidente da Associação Sindical dos Profissionais da Polícia (ASPP/PSP), o maior sindicato desta força de segurança, não condenou a iniciativa do Chega e defendeu que os "polícias devem mobilizar-se para todo o lado que entendam que lhes é útil, na defesa da sua condição".

Respeito ambos, mas a sensação de *déjà vu* invadiu-me ao ler aquelas palavras. Apesar de se demarcarem inequivocamente, ao escolherem não fazer um apelo, pelo menos, aos seus associados para que ali não se desloquem, porque vão subjugados a um partido político (seja de direita radical ou outro), estão de novo a navegar na tempestade.

Se o tivessem feito, todos os polícias que hoje possam encher as galerias e as ruas junto ao Parlamento, seriam só "os polícias do Chega". Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és. Se o tivessem feito, até podia ser um fracasso, galerias vazias, e descobrirmos que, afinal, os polícias, sabem que os seus sindicatos são as estruturas que os defende num Estado de Direito. Se o tivessem feito, provariam que não querem ficar partidariamente rotulados o que, aliás, lhes está vedado pelo estatuto policial. Todos os polícias que ali forem vão estar a apoiar não só o Chega, mas as suas ideias que instigam xenofobia, racismo e polarizam a sociedade. Quando um polícia representa, armado, a autoridade do Estado, é tenebroso imaginar que os que alinham com tais ideias podem ser uma multidão.

OS NÚMEROS DO DIA

34,3

MIL MILHÕES DE EUROS é o valor total das coimas aplicadas durante o ano de 2023 pela Autoridade da Concorrência, tendo proferido oito decisões sancionatórias, segundo anunciou no Parlamento o presidente desta instituição, Nuno Cunha Rodrigues.

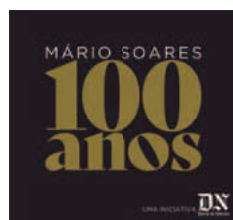
30

MILHÕES de euros em fraude ao IVA de bens alimentares foi o valor total dos prejuízos provocados por uma rede criminosa desmantelada pela Procuradoria Europeia, numa operação denominada *Ambrósia*, que levou à detenção de 11 pessoas, anunciou ontem o organismo em comunicado.

1409

PRESOS POLÍTICOS são mantidos na Bielorrússia e, em muitos casos, denunciaram maus-tratos em cativeiro, alertou ontem a relatora da ONU Anaïs Marin, segundo a qual o Governo local "persegue qualquer um que se atreva a discordar" dele.

27

CRIMES de roubo, sequestro e furto recaem sobre dois homens detidos no Seixal, Distrito de Setúbal, na 2.ª feira que souberam ontem, após apresentação a juiz, que vão ficar em prisão preventiva, segundo revelou a GNR. As detenções foram efetuadas no âmbito de uma investigação de cerca de dois meses da Guarda.

4.7.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

REINO UNIDO

Longe da vitória, Sunak tenta evitar "supermaioria" para Starmer

ELEIÇÕES Sondagens indicam que os trabalhistas podem ter uma maioria ainda maior do que a de Tony Blair em 1997, regressando ao poder após 14 anos de Governos conservadores. O primeiro-ministro arrisca tornar-se o primeiro a não ser reeleito no seu círculo eleitoral.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

KEIR STARMER
Partido Trabalhista
O antigo advogado de Direitos Humanos e procurador-geral de Inglaterra e do País de Gales, eleito deputado apenas em 2015, deverá ser o próximo residente do n.º 10 de Downing Street. Filho de um operário e de uma enfermeira, assumiu a liderança trabalhista em 2020, após os anos de Jeremy Corbyn que levou o *Labour* mais para a esquerda. *Sir* (foi ordenado cavalheiro pela rainha Isabel II) Keir Starmer tem 61 anos, é casado e tem dois filhos adolescentes – tendo prometido que vai manter o hábito de não trabalhar a partir das 18.00 horas de sexta-feira para passar tempo com a família.

STEFAN ROUSSEAU / POOL / AFP

Em 1997, após 18 anos de Governos conservadores, o jovem Tony Blair conseguiu uma maioria de 179 deputados no Parlamento britânico, a maior alguma vez alcançada pelos trabalhistas. Um recorde que Keir Starmer poderá esmagar hoje, pondo fim a 14 anos de poder conservador, a confirmarem-se as sondagens. A última pesquisa do YouGov, revelada ontem, apontava para uma "supermaioria" de 212 deputados para o *Labour*. Apesar do cenário negativo, o primeiro-ministro Rishi Sunak continuava a acreditar e prometia "lutar por cada voto". Apesar de, segundo o jornal *The Guardian*, temer ser derrotado no seu próprio círculo eleitoral.

Desde dezembro de 2021, após rebentar o escândalo *Partygate* (as festas entre os conservadores em plena pandemia quando estes encontros estavam proibidos), que os trabalhistas lideram as sondagens – muitas vezes com mais 20 pontos de diferença para os *Tories*. Os escândalos custaram o cargo ao então primeiro-ministro Boris Johnson, depois as políticas económicas fizeram cair a sua sucessora Liz Truss (só durou 49 dias). Sunak tinha de convocar eleições até ao final de janeiro, mas resolveu apostar em Legislativas em julho.

A campanha foi toda feita com a ideia de que os trabalhistas vão ganhar – e com uma maioria confortável – com os eleitores cansados das polémicas e de 14 anos de Governos conservadores. "O meu receio, neste momento, é que as pessoas não sintam a necessidade de sair à rua e votar pela mudança. Isto não está acabado, precisamos de lutar até às dez da noite de amanhã", defendeu ontem Starmer. "A mudança só vai acontecer se votarem nela." No Reino Unido não existe o conceito de dia de reflexão, com a campanha a poder continuar até na jornada eleitoral (exceto em redor dos locais de votação).

> Keir Starmer avisa contra euforia trabalhista. "O meu receio, neste momento, é que as pessoas não sintam a necessidade de sair à rua e votar pela mudança. Isto não está acabado, precisamos de lutar até às dez da noite de amanhã [hoje]", disse.

Segundo a sondagem YouGov, que não inclui a Irlanda do Norte, o Labour terá 39% e poderá eleger 431 deputados (mais 229 do que em 2019), com o Partido Conservador a não ir além dos 22% e 102 representantes (perde 263). Os Liberais-Democratas, de Ed Davey, devem conseguir 12% e 72 deputados (mais 61), com o Partido Nacionalista Escocês (SNP), que governa a Escócia com John Swinney (líder só desde maio), a não ir além dos 18 (menos 30), apesar de só reunir 3% dos votos. Em quase 90 círculos eleitorais o partido que vai à frente tem menos de cinco pontos de diferença para o segundo, estando essas corridas em aberto.

O *volte-face* de Farage

O Reform UK, de um dos heróis do *Brexit*, Nigel Farage, pode estrear-se com três representantes, apesar de conseguir 15% dos votos – as eleições no Reino Unido funcionam por círculo eleitoral, onde o mais votado é eleito numa só volta. A dispersão nacional dos votos no partido populista de extrema-direita (em contraste com a concentração dos votos na Escócia para o SNP) explica a alta percentagem e a pouca representatividade no Parlamento, sendo que a maioria dos votos que rouba será aos Tories.

A entrada em jogo de Farage, um antigo eurodeputado transformado em estrela de televisão, foi um golpe para os conservadores. Farage tinha inicialmente dito que não ia concorrer às Legislativas britânicas para continuar a ajudar o "amigo" Donald Trump a vencer as Presidenciais de novembro nos EUA, acabando por mudar de ideias a um mês das eleições. Isso aumentou o apoio ao Reform UK, apesar das polémicas com declarações racistas de alguns dos seus candidatos. Farage, que concorre por Clacton, espera conseguir ser eleito deputado à oitava tentativa – a sondagem YouGov diz que será.

Admitir a derrota

A esperança dos conservadores numa vitória é tão pouca que, ainda antes da ida às urnas, pelo menos um ministro (e uma ex-ministra) já admitiam a derrota. O titular da pasta do Trabalho e das Pensões, Mel Stride, disse ao programa *Today*, da BBC Radio 4, que é provável que o *Labour* tenha "a maior maioria que este país alguma vez viu", defendendo que o importante é ver "que tipo de oposição" os conservadores vão ser.

Num artigo de opinião no *Daily Telegraph* intitulado "Acabou, falhámos", a ex-ministra do Interior Suella Braverman admitia também que o partido precisava de se preparar "para a realidade e a frustração da oposição". Representante da ala mais à direita dos conservadores, defendeu ainda que é preciso "redescobrir a alma" do partido.

O *Daily Telegraph* é um dos poucos jornais que apoiam os conservadores – o *Daily Mail* pede um voto tático neles para garantir uma oposição eficaz, apesar de reconhecer que dificilmente vão ganhar. Os jornais *Financial Times* e *The Sun* apoiam o *Labour* pela primeira vez desde 2005, tal como o diário *The Sunday Times* (desde 2001).

RISHI SUNAK

Partido Conservador

O antigo banqueiro, que é mais rico do que o rei Carlos III, foi ministro das Finanças de Boris Johnson. Deputado desde 2015, assumiu a liderança dos conservadores em outubro de 2022, após a curta experiência de Liz Truss à frente do Executivo. Tinha então 42 anos (agora tem 44) e tornou-se o mais jovem primeiro-ministro britânico desde 1812, sendo também o primeiro de origem indiana e hindu. Na chefia do Governo, conseguiu começar a conter a inflação, mas falhou em conter a imigração ilegal. Casado com a herdeira de um bilionário indiano da área da tecnologia, tem dois filhos.

STEFAN ROUSSEAU / POOL / AFP

A situação é tal que, no penúltimo dia da campanha, os conservadores recorreram àquele que continua a ser um dos seus mais importantes trunfos (apesar das polémicas): Boris Johnson. Num discurso ontem à noite em Chelsea, o ex-primeiro-ministro chamou a atenção para o risco do que disse ser uma "supermaioria" trabalhista, pedindo aos eleitores conservadores que em 2019 lhe deram a uma maioria absoluta nas urnas que não votem no partido de Farage. Alega que votar neles ou no Labour não leva a nada a não ser "ao Governo mais à esquerda" desde a II Guerra Mundial. "Não podemos deixar que isso aconteça."

Apesar de todas as previsões negativas, Sunak mantinha-se confiante de que seria possível travar a supermaioria do *Labour* – que avisou ser um "cheque em branco" para Starmer. Numa entrevista à ITV, Sunak disse que continua a "lutar por cada voto" e insistiu que o apoio de 130 mil eleitores "pode fazer a diferença" para evitar a vitória trabalhista. "A todos os que estão a ver e que pensam: 'Oh, isto é tudo um final inevitável'... não é."

Ainda assim, segundo o jornal *The Guardian*, teria admitido junto dos seus colaboradores mais próximos temer perder no seu Círculo Eleitoral de Richmond e Northallerton. Caso isso aconteça, será o primeiro chefe de Governo britânico a falhar a reeleição. As sondagens não apontam nesse sentido, dizendo contudo que 16 dos 26 ministros atuais correm o risco de perder – entre eles o ministro das Finanças, Jeremy Hunt, ou o da Defesa, Grant Shapps. Também a líder do Governo na Câmara dos Comuns, Penny Mordaunt, deve falhar a eleição.

Economia, saúde e imigração

As primeiras eleições legislativas após a saída do Reino Unido da União Europeia (UE) acabaram por praticamente ignorar o tema do *Brexit*. Essa parece já ser uma página virada na História britânica e nem os trabalhistas equacionam um eventual regresso à UE, apesar de com eles no poder se esperar uma relação mais próxima entre Londres e Bruxelas.

O principal problema para os britânicos prende-se com o custo de vida, num momento em que a economia – após a crise causada pelo *Brexit*, pela pandemia e pela guerra na Ucrânia – dá sinais das primeiras melhorias. Enquanto Sunak quer reduzir os impostos, cortar na assistência social e apostar na luta contra a evasão fiscal, Starmer quer aumentar os impostos para alguns contribuintes (um dos alvos são as escolas privadas, mas também as petrolíferas). Ambos querem apostar no Serviço Nacional de Saúde.

Outro tema central na campanha foi a imigração, depois do fracasso das promessas conservadores de travarem as entradas ilegais. Starmer promete reduzir a imigração ilegal – Sunak quer reduzir para metade – e eliminar o projeto conservador de deportar para o Ruanda os migrantes que entraram de forma irregular no Reino Unido.

susana.f.salvador@dn.pt

650

Deputados São precisos 326 deputados para ter a maioria absoluta no Reino Unido. O YouGov diz que o *Labour* elege 431, os *Tories* 102, os Lib-Dem 72, o SNP 18, o Reform UK 3, o Plaid Cymru 3 e os Verdes 2.

212

Maioria As previsões apontam para uma maioria trabalhista de pelo menos mais 212 deputados do que a soma das restantes forças políticas. Sondagem do YouGov não é feita na Irlanda do Norte (elege 18 deputados) nem conta o líder da Câmara, que não vota.

Outros líderes

NIGEL FARAGE

Reform UK

O anúncio da candidatura de Nigel Farage dias antes do final do prazo foi, provavelmente, o momento mais surpreendente da campanha. Conhecido por "senhor *Brexit*" pela influência que teve na saída do Reino Unido da União Europeia, Farage assumiu o objetivo de superar os conservadores para liderar a oposição a um Governo trabalhista, mas o objetivo a longo prazo do Reform UK é liderar a direita britânica. A credibilidade do partido foi manchada na campanha por ter membros associados à extrema-direita ou por fazerem comentários racistas e misóginos.

ED DAVEY

Liberais-Democratas

Não se espera de Ed Davey o mesmo impacto que Nick Clegg teve nas eleições de 2010, quando o resultado do Lib-Dem garantiu a entrada para o Governo em coligação com os conservadores. Mesmo assim, o partido tem vindo a ganhar terreno sobretudo em áreas rurais com eleitores conservadores insatisfeitos. Davey protagonizou ações de campanha mediáticas, como cair de uma prancha num lago para denunciar a poluição da água.

JOHN SWINNEY

Partido Nacional Escocês (SNP)

Swinney não tem assento no Parlamento em Londres, mas é o primeiro-ministro, tendo assumido a liderança do SNP em maio, após a demissão de Humza Yousaf.
O SNP está a lutar para evitar o ressurgimento dos trabalhistas na Escócia, mas as sondagens indicam que o *Labour* deverá voltar a vencer ali 14 anos depois.

CARLA DENYER E ADRIAN RAMSAY

Verdes

O partido tem como ambição subir de um para quatro deputados, procurando capitalizar o sucesso ao nível local dos últimos anos e o desejo de muitos eleitores por uma alternativa de esquerda, sendo uma das possíveis novas eleitas a colíder Carla Denyer. No entanto, os Verdes são reféns do sistema de votação de maioria simples, que normalmente favorece os grandes partidos.

Ex-ministra Catarina Sarmento e Castro com António Costa.

PEDRO ROCHA / GLOBAL IMAGENS

Governo de Costa "valorizou" PJ sem ter planos para PSP e GNR

AUMENTOS PS, PCP, BE e IL podem aprovar proposta do Chega para suplemento de risco, mas não revelam sentido de voto. PSD vai bloquear todas as propostas. PAN votará a favor. "Todos ao parlamento", pede Ventura aos policias. PSP vai reforçar segurança da Assembleia da República.

TEXTO **ARTUR CASSIANO E RUI MIGUEL GODINHO**

A polémica começou a 29 de novembro do ano passado. Nesse dia, Catarina Sarmento e Castro, ministra da Justiça , acentuou – apesar de, apurou o DN, não ter tido um papel preponderante na decisão – as diferenças salariais entre PJ, sob sua tutela, e PSP e GNR na dependência de José Luís Carneiro, ministro da Administração Interna, que incomodaram o Presidente da República pelo "tratamento desigual e discriminatório" que o Governo de Costa tinha acabado de criar.

"O investimento na valorização das carreiras da PJ" traduzido no pagamento de um suplemento de missão para as carreiras da PJ, que, em alguns casos, podia representar um aumento de quase 700 euros por mês, abriu, quase no imediato, protestos sem que o governo socialista "tivesse qualquer proposta", refere ao DN fonte do anterior Governo, para apresentar aos sindicatos da PSP e associações da GNR.

A 9 de janeiro, José Luís Carneiro, que não foi parte ativa nos aumentos da PJ e que assim, refere um antigo governante, foi "alvo de fogo amigo" no Governo, só conseguia dizer que "temos de continuar a trabalhar para aproximar as condições remuneratórias", sublinhando que se previa, sem concretizar, "um aumento entre 2023 e 2026 de 20% nas condições remuneratórias".

Onze dias depois, usou o argumento de um governo em gestão alegando "os impactos orçamentais muito significativos". "Não podem", explicava o ministro, "existir decisões fora do quadro orçamental, o ministro da Administração Interna não tem esse poder".

Não tinha o "poder", mas tinha a opinião de que teriam que ser envolvidos os ministérios da Administração Pública, das Finanças, da Administração Interna, da Defesa Nacional, da Justiça e da Economia e que teria de se "comparar as funções e a natureza das forças e serviços de segurança (...) e estabelecer uma comparação entre os diferentes suplementos das forças e serviços de segurança e dos órgãos de polícia criminal".

Um dia antes, Marcelo Rebelo de Sousa, tal como era opinião do então diretor nacional da PSP, José Barros Correia, e do comandante-geral da GNR, Rui Veloso, fez saber, numa nota publicada no site da Presidência, que "os profissionais da GNR e da PSP, e das outras polícias, devem ter um regime salarial compensatório equiparado ao da PJ" de forma a que cessasse "o tratamento desigual e discriminatório".

"O Presidente da República chama assim a atenção do Governo que venha a entrar em plenas funções após as próximas eleições legislativas, para a justa insatisfação destas outras entidades e para a imperiosidade e urgência de medidas", avisou Marcelo.

A proposta chegou, mas não agrada aos sindicatos e associações das forças de segurança que exigem 400 euros de suplemento de risco. O governo, já garantiu Luís Montenegro, não vai acrescentar "nem mais um cêntimo" aos 300 euros que está disposto a negociar "sem trazer de volta a instabilidade financeira, o sofrimento para todos só para cumprir o interesse particular de alguns".

Pedro Nuno Santos – que esteve nos governos de Costa e que, como referiu ao DN fonte do anterior executivo, "não tinha nada em cima da mesa" para apresentar – acusa Montenegro de um "fracasso".

Como vai hoje o PS votar as propostas no Parlamento? E tem propostas alternativas? Até à hora de fecho, nenhuma resposta foi transmitida ao DN. CDS, PCP e BE também optaram pelo silêncio. O PSD, dado que está em curso "um processo negocial", afirma não fazer sentido "ser favorável a qualquer proposta". O PAN votará a favor das propostas do Chega exceto duas que "visam alterações à legislação penal". A IL ainda estava a "analisar" as propostas.

A decisão do Chega, já condenada por todos os partidos, de convocar "todos" os polícias para dentro e fora do Parlamento já levou a PSP a reforçar a segurança. Os sindicatos e associações da PSP e GNR optaram por não condenar, nem travar os protestos.

Saúde mental e valorização salarial: o que vai a votos?

Os socialistas continuam sem ter uma proposta concreta para resolver a situação. No projeto de resolução (ou seja, sem força de lei) que entregam, recomendam ao Governo que, por um lado, assegure "um tratamento equitativo entre funções e atividades semelhantes" após falar com "as associações sindicais e profissionais representativas das forças de segurança". E, por outro lado, pedem que aprove a alteração à Portaria n.º 298/2016, que "regula o regime dos serviços remunerados, designadamente a sua requisição, autorização, duração, organização e modos de pagamento" – que já foi "concluída e integrada na pasta de transição legada pelo XXIII Governo Constitucional [o anterior]".

De resto, o partido de Pedro Nuno Santos recomenda, entre outras, que o Governo continue a criar "condições aos profissionais deslocados, com a colaboração dos municípios, através de apoios ao alojamento e das suas famílias" e que conclua "as ações previstas na Lei de Programação das Infraestruturas e Equipamentos para as Forças e Serviços de Segurança do Ministério da Administração Interna até 2026" com um valor de 607 milhões de euros destinados, por exemplo, a investir em equipamento de proteção individual.

Outra preocupação é a saúde mental das forças de segurança. E neste campo há mais duas resoluções a votos: uma do Chega e outra do PAN (além de um tópico no diploma do PS). Ainda que com formulações ligeiramente diferentes, os três partidos mostram-se preocupados com problemas como o *burnout* destas pessoas e, também, com os dados relativos ao suicídio entre os agentes.

Por seu lado, o BE apresenta dois diplomas: um, relacionado com as infraestruturas e a condições de "bem-estar, salubridade e segurança" no local de trabalho de PSP e GNR; o segundo, prende-se com outro tema de consenso – a valorização das carreiras das forças de segurança. Não obstante palavras diferentes aqui e ali, todos os partidos concordam, exceto o Chega, que deve ter como "referência" a remuneração base do diretor nacional (no caso da PSP) e do comandante-geral (para a GNR) – tal como já acontece, aliás, na PJ.

Ventura vai apresentar uma proposta igual à dos sindicatos da PSP e associações da GNR que o ministério da Administração tem recusado.

Com VALENTINA MARCELINO

Deputados admitem acusar filho de Marcelo do crime desobediência

AMBIGUIDADE Vários deputados, para tentar contornar a resposta reiterada mais de 20 vezes por Nuno Rebelo de Sousa – "Não respondo" – apontaram-no como "lobista" e "facilitador de negócios".

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

"Não respondo." Foi esta a formulação que Nuno Rebelo de Sousa prometeu utilizar como resposta a cada pergunta que lhe for dirigida. E cumpriu a promessa, aludindo ao aconselhamento jurídico que lhe foi prestado para poder participar na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre o caso das gémeas luso-brasileiras tratadas com Zolgensma no Hospital de Santa Maria, em 2020, e no qual terá havido alegado favorecimento no acesso ao medicamento, que custou ao Estado 4 milhões de euros para tratar as duas crianças.

O filho do Presidente da República, que na altura dos factos liderava a Câmara de Comércio de São Paulo, só respondeu com uma formulação diferente à pergunta do deputado do CDS João Almeida, à qual estava legalmente obrigado, sobre a sua identidade. Depois de confirmar o nome e a morada, revelou a profissão: "Diretor da EDP Brasil", acrescentando mais tarde que não tem "qualquer outra atividade".

O deputado centrista lembrou a Nuno Rebelo de Sousa que quanto às "matérias de qualquer relação com outras testemunhas", às quais não respondeu, podem configurar um caso de desobediência.

A deputada da IL Joana Cordeiro iniciou a primeira ronda de perguntas e lembrou que Marcelo Rebelo de Sousa já tinha condenado publicamente o filho, motivo pelo qual, continuou a deputada, Nuno Rebelo de Sousa poderia ter "todo o interesse em falar para se explicar". Na tentativa de resgatar uma resposta a Nuno Rebelo de Sousa, a deputada liberal lembrou que Daniela Martins, a mãe das gémeas, "não se escondeu". "Para mim isto tem um nome e chama-se cobardia", afirmou, referindo-se à audição de Nuno Rebelo de Sousa e do antigo secretário de Estado da Saúde, António Lacerda Sales, ambos com o estatuto de arguido.

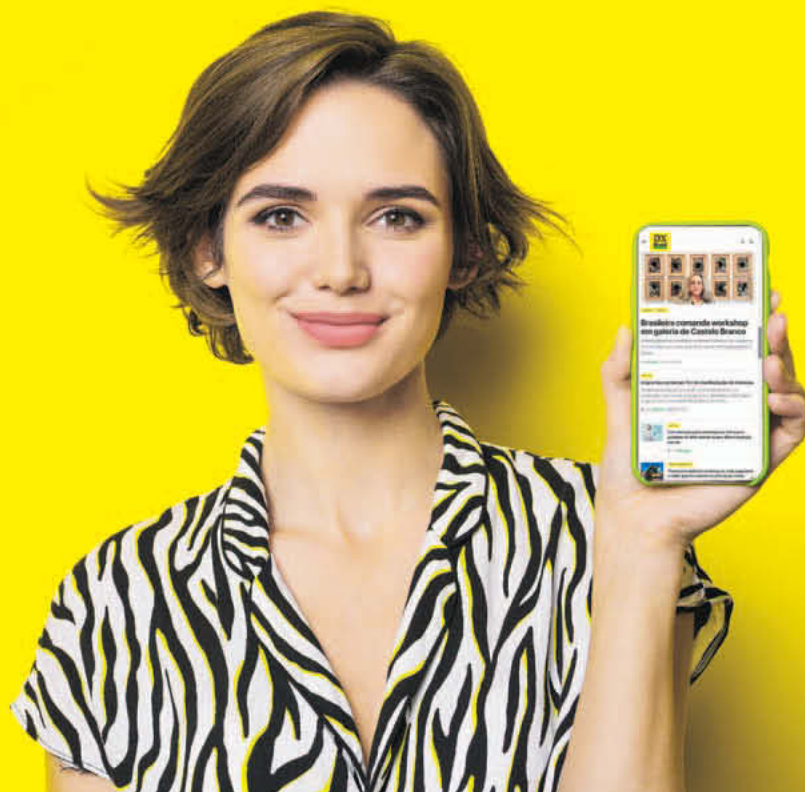
Nuno Rebelo de Sousa
Diretor de marketing EDP Brasil

"Nuno Rebelo de Sousa terá apontado não conhecer a mãe" das gémeas, continuou a deputada do BE Joana Mortágua, optando por confrontar o depoente com contradições em vez de fazer perguntas, face à mesma reposta dada.

Depois de não ter respondido às perguntas do deputado do PCP Alfredo Maia, o deputado do Livre Paulo Muacho optou por não inquirir o filho do Presidente da República.

Por parte do PS, João Paulo Correia, face ao silêncio do depoente, disse que "aqui há duas teses possíveis", argumentando que, por um lado, Nuno Rebelo de Sousa, "se dedica a causas humanistas" e "moveu mundos e fundos para cumprir um objetivo" que lhe foi pedido. Ou, por outro lado, há o "dr. Nuno Rebelo de Sousa lobista, facilitador de negócios", que fez o que fez a "pedido de amigos em comum", que, por ser filho do Presidente da República, conseguiu abrir portas e atingiu o seu objetivo.

Lucília Gago vai ser ouvida no Parlamento

A procuradora-geral da República disponibilizou-se para ser ouvida no Parlamento, como requerido por PAN e BE (aprovado com abstenção do Chega), mas pediu que a audição decorra apenas após estar concluído o relatório de 2023 do Ministério Público. "A Procuradora-Geral da República transmitiu já à Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias a disponibilidade para aceitar o convite para a audição que aquela lhe endereçou", adiantou a Procuradoria em resposta à Lusa. No entanto, lembrando que a audição versará sobre, "entre outros temas, o *Relatório Anual de Atividades* do Ministério Público, a Procuradora-Geral da República informou que o relatório reportado a 2023 se encontra em fase final de elaboração, devendo estar concluído dentro de escassas semanas".

E se um enérgico ministro da Defesa tivesse enfrentado o MFA e travado a Revolução?

FICÇÃO *Alvorada Desfeita: E se o 25 de Abril tivesse falhado* é um interessante livro de história alternativa, publicado em 2009 e agora republicado. Diogo de Andrade é um pseudónimo e o autor insiste no anonimato, até a responder ao DN.

TEXTO **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Um dia entrevistei Niall Ferguson que me fez uma entusiástica defesa da história alternativa, aquilo a que os anglo-saxónicos chamam de *what if...* ("e se..."). O historiador britânico, professor em Harvard, estava em Portugal para apresentar o seu *História Virtual*, livro no qual, por exemplo, se conta uma realidade paralela em que os Estados Unidos não proclamaram a independência em 1776. Ora, mesmo quando feito por historiadores, esse "e se.." adquire uma inevitável faceta ficcional, pois têm de sair da imaginação do autor as personagens que fazem a diferença. Em *Alvorada Desfeita*, livro publicado em 2009, aquando dos 35 anos do 25 de Abril, e reeditado agora por ocasião dos 50 anos, é assumidamente ficcional o fracasso da *Revolução dos Cravos*, e tudo por causa de um ministro da Defesa, Ricardo Valera, que decide dar luta ao *Movimento dos Capitães*. O jovem Valera, personagem criada por Diogo de Andrade, contrasta pela energia com a inércia de outras figuras do Estado Novo, incluindo Marcello Caetano, chefe do Governo desde a queda de Salazar da cadeira em 1968, e de Américo Tomás, o Presidente da República, eleito pela primeira vez em 1958 nas célebres eleições em que Humberto Delgado desafiou o regime.

Esclareça-se que Diogo de Andrade, e cito a nota sobre o autor que abre o livro editado pela Casa das Letras, "é o pseudónimo de um alto quadro do Estado com obra publicada e que optou pelo anonimato". O anonimato é levado tão a sério, hoje como há 15 anos, que o autor só aceitou responder a três perguntas sobre *Alvorada Desfeita* por *e-mail* e tendo o editor como intermediário. Percebe-se que é alguém que conhece bem o Portugal político e militar do antes e do depois do 25 de Abril, sendo curiosa a solução de liderança que encontra para o país depois de ficcionar o fracasso da revolução: o general Kaúlza de Arriaga e o embaixador Franco Nogueira.

Mas não é só conhecimento político e militar que Diogo de Andrade mostra. Há também aqui um romancista de qualidade. E sinto-me tanto mais à vontade em afirmá-lo (além do que li) quanto António Marques Bessa, historiador que foi meu professor no início dos Anos 1990 no ISCSP, escreveu no prefácio da 1.ª edição (republicado nesta) que este livro foi "escrito com dinâmica num português fluente, com diálogos de quem conhece o poder e os que o exercem, numa tessitura fina de intriga e conjuntura época, exprimindo seriamente uma virtualidade pensada com cuidado". Segue-se uma pequena entrevista ao misterioso autor.

ALVORADA DESFEITA
Diogo de Andrade
Casa das Letras
432 páginas
24,90 euros

> O anonimato é levado tão a sério, que o autor só aceitou responder a três perguntas por *e-mail* e tendo o editor como intermediário.

Como definiria ideologicamente a personagem Ricardo Valera?
Se não é fácil de definir Valera à luz dos padrões ideológicos atuais, já há 50 anos atrás ele encaixaria na matriz da direita spinolista: patriota, conservadora, democrática-autoritária e defensora de uma Federação, com a *nuance* da continuação da guerra em Angola e Moçambique. Valera, cujas virtudes são acompanhadas de defeitos e de medos, é marcado por um realismo implacável que o leva a enfrentar a Revolução, pois considerava Spínola um ingénuo e um impreparado político que não conseguiria executar o seu próprio ideário. Maquiavélico, mal é nomeado ministro da Defesa, conspira com os kaulzistas para vencer o MFA, para logo depois depor o Chefe do Governo. Cético e manobrador, desconfia das redes esquerdistas no MFA, entende que Spínola não controlaria os capitães e apoia-se nos militares "ultras" para vencer a Revolução, induzindo-os depois a reformas que conduzissem o País a uma democracia limitada e a referendos sobre a autodeterminação do Ultramar, considerando que são os "duros" que fazem as melhores transições e que não teriam outra saída. Decidido e calculista não hesita em derramar sangue no esmagamento da Revolução, na repressão dos clandestinos e na sua fixação em dar independência à Guiné que considerava o tumor de fixação do Império.

O ataque bem-sucedido no livro *Alvorada Desfeita* às forças do capitão Salgueiro Maia no Terreiro do Paço é o momento decisivo para derrotar o MFA?
O frente a frente entre as tropas de Salgueiro Maia e do brigadeiro Reis no Terreiro do Paço decidiu o triunfo da Revolução. Os documentos históricos e o testemunho de protagonistas, como o capitão Carlos Beato integrado na coluna do Maia, dão nota de que, se os tanques *M47* leais ao Governo abrissem fogo sobre os frágeis *Panhard* dos revoltosos teria havido um banho de sangue e a rebelião perderia o seu músculo, aquele que depois cercou o Carmo e fez render Marcello Caetano. E foi por um triz que tal não sucedeu, porque na Rua do Arsenal um cabo desobedeceu à ordem de fogo do Brigadeiro, gerando um efeito de cascata que desmoralizou os militares leais. No livro *Alvorada Desfeita* sucede o contrário. Quem comanda os lealistas é uma personagem ficcional, Sérgio de Melo, amigo e cúmplice de Valera. O coronel Melo, um "centurião" veterano de África, implacável e meticuloso, colocou militares escolhidos a dedo nos carros de combate, recusou parlamentar e fez-se obedecer quando deu a ordem de fogo. Admito que pouco tem a ver com o padrão típico do militar português. Foi essa, a estratégia do contragolpe: atacar de surpresa, não dialogar, destruir a principal coluna rebelde e depois eliminar, uma a uma, as forças menos numerosas ou combativas espalhadas nos pontos estratégicos de Lisboa.

Kaúlza de Arriaga e Franco Nogueira: mereciam ter tido outro protagonismo no Portugal que nasceu pós-25 de Abril?
Um e outro teriam tido outro protagonismo se o MFA não tivesse vencido. Kaúlza foi o terceiro general mais votado depois de Costa Gomes e Spínola pelos jovens conspiradores, pelo que se o golpe falhasse e houvesse uma purga nas Forças Armadas, ele encabeçaria com Luz Cunha o setor militar conservador ainda de pé que afastaria um enfraquecido Marcello Caetano. Franco Nogueira, que em 1968 esteve prestes a ser chefe do Governo, em vez de Marcello e que, em 1974, apelara ao Presidente Thomaz para demitir o professor de Direito, seria uma peça-chave de um Governo alternativo. Resta saber quanto tempo duraria esse Governo, pois nada garante que um binómio Kaúlza/Franco Nogueira se impusesse como no livro *Alvorada Desfeita*. Regressando ao 25 de Abril não ficcionado, acho que o general Kaúlza, um patriota genuíno mas mal-amado, poderia ter tido êxito limitado como líder partidário, canibalizando com o seu MIRN o eleitorado do CDS, caso este em 1979 não tivesse integrado a Aliança Democrática. A AD enterrou as expectativas políticas do General. Já Franco Nogueira, sempre com uma boa imagem pública, grandes contactos internacionais e uma cultura cosmopolita, poderia bem ter sido Ministro dos Estrangeiros de Cavaco, o qual, salvo Durão Barroso, não teve grandes titulares nessa pasta.

O passado não é um país estrangeiro
Alberto Costa

PGR: escolher

Vem a caminho uma nova ou um novo procurador-geral da República. Justifica-se reflexão redobrada e poderá ser útil o conhecimento do passado.

Vivi de perto a escolha dum PGR ,em 2006, sob as mesmas regras constitucionais que hoje vigoram. Como o ex-Presidente Cavaco Silva já divulgou vários pormenores desse processo nas suas memórias, sinto-me à vontade para o abordar, observando um nível de reserva análogo ao que ele se impôs. E registo o que foi o seu juízo, quando se atingiu o final: "Um processo que correu bem, apesar da divergência de posições, ultrapassada através de um diálogo civilizado, franco e aberto", em que o seu interlocutor foi o então primeiro-ministro José Sócrates.

Coube-me propor ao PM os nomes que ele foi apresentando ao PR, até ser atingida a solução. Embora, em abstracto, houvesse preferência por alguém que fosse juiz do Supremo Tribunal de Justiça, depois de ponderações muito concretas, a personalidade que pareceu ao Governo reunir melhores condições e que o PM, como sua opção, levou ao PR, estava na categoria cimeira do Ministério Público, a de procurador-geral-adjunto. Não obstante reconhecer a "cuidada apresentação" da proposta e referir que tinha "recolhido boas indicações quanto à competência e capacidade de acção da pessoa", ela foi recusada pelo ex-Presidente Cavaco Silva, por motivos que viria a trazer a público. Tinham a ver com "o facto de pertencer ao quadro do MP", ser "pessoa muito nova na hierarquia dos procuradores-gerais-adjuntos" e "saber que a personalidade indicada seria muito mal aceite pelo PSD".

Na etapa seguinte, o nome que sugeri e o PM propôs ao PR era o de um juiz do Supremo Tribunal de Justiça, particularmente qualificado no domínio penal. Mereceu, de novo, uma avaliação negativa (desta vez, declarações proferidas poucos meses antes pelo conselheiro indicado terão constituído argumento decisivo).

Como o ex-Presidente entendeu tornar público mais tarde, foi só o terceiro nome proposto que veio a ser considerado "admissível" – e isto para que desse início a uma sequência de passos, acordada, que incluía uma "audição dos líderes de todos os partidos com representação parlamentar" acerca do perfil… mas sem revelar o nome. O último desses passos, na ordem combinada, destinava-se a apurar se o líder do PSD objectava relativamente à pessoa (em momento anterior tinha-se já pronunciado a favor da escolha dum juiz do STJ). E os passos acordados foram cumpridos.

Não tenho conhecimento directo de como se passaram as coisas nas duas nomeações que ocorreram depois dessa (sobre uma delas, é pública uma versão). No que respeita ao método, não sei, em rigor, se se progrediu ou se se regrediu.

Mas a repetição dum modelo como o que referi parece-me, hoje, insuficiente (e só não digo mais dada a total inoportunidade de pensar agora em termos que exigissem revisão, neste ponto, da Constituição). A pura repetição estaria longe de servir adequadamente o objectivo de recuperação de credibilidade e autoridade social que a situação que se atingiu impõe. Há que fazer evoluir o procedimento, para corresponder a acrescidas exigências de publicidade e transparência, que constituem, agora mais do nunca, requisitos de legitimação social.

Há quase duas décadas, PR e Governo – e este com maioria absoluta no Parlamento – acordaram num "embrião" de audição e numa inclusão informal do maior partido de oposição no processo de escolha (incidindo, neste caso, já sobre o próprio nome), uma e outra não requeridas nas regras constitucionais aplicáveis. AR, PR e Governo enfrentam hoje o desafio de, neste domínio, ir para lá e fazer melhor do que então se fez. Precisam de inovar.

Seria imprudente esperar por uma incerta e longínqua revisão constitucional para enriquecer – democrática e parlamentarmente – o processo de nomeação dum(a) PGR. Faz-nos hoje falta uma legitimação reforçada também pelo procedimento. Quem pense que será bastante o acordo de dois ou mais partidos nalgum momento do processo subavalia a dimensão dos problemas que enfrentamos.

Advogado, ex-ministro da Justiça. Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico

Opinião
Pedro Marques

Quem são os amigos do Chega?

Esta semana começou com o anúncio de um novo grupo europeu de extrema-direita. Liderados por Viktor Orbán, atual primeiro-ministro da Hungria, os "Patriotas pela Europa" querem fazer marcha-atrás na integração europeia e na transição ecológica, além de endurecer (ainda mais) a retórica antimigratória.

Para vincar a força destas ideias, Orbán surgiu acompanhado de Andrej Babiš e de Herbert Kickl, os favoritos a ganhar as eleições nacionais deste ano na Chéquia e na Áustria, respetivamente. E não será inocente esta divulgação ocorrer na véspera de a Hungria assumir a presidência do Conselho da UE – uma função rotativa entre os 27 Estados-membros.

André Ventura, com a habitual agilidade para capitalizar novidades, manifestou-se apressadamente a favor da entrada do Chega neste novo grupo. Vejamos, então, quem é que a extrema-direita portuguesa escolheu como aliados para "Limpar a Europa", a promessa que repetiram ao longo da última campanha.

Na Hungria, o Fidesz embarcou num projeto autoritário de desmantelamento do Estado de Direito: controlo político dos meios de comunicação social e das universidades, redução da independência de instituições como o Banco Central ou os tribunais, ataque aos direitos fundamentais de refugiados e minorias.

Na República Checa, Andrej Babiš até já foi primeiro-ministro. Tornou-se mais célebre quando foi mencionado nos *Pandora Papers*, investigação jornalística que revelou como Babiš utilizou *offshores* para adquirir em segredo um castelo em França e outras propriedades de luxo, ocultando a origem do dinheiro. Está sob investigação por branqueamento de capitais.

Na Áustria, a extrema-direita do FPÖ foi apanhada num caso flagrante de corrupção. O então líder do partido – de quem Kickl era braço-direito – foi gravado a negociar a concessão de contratos públicos a um alegado contacto de oligarcas russos, a troco de cobertura favorável na comunicação social. Um "patriota" pronto a minar a soberania do Governo nacional e vender influência política a interesses estrangeiros, tudo em benefício próprio.

E, como se não bastasse todo este "currículo", relembremos que Orbán tem sido a principal fonte de bloqueio à ajuda europeia à Ucrânia, ou que Kickl do FPÖ tem defendido repetidamente o alívio das sanções à Rússia. Posições úteis para Vladimir Putin, que continua apostado em auxiliar os políticos que querem voltar a retalhar o espaço europeu – tornando-nos mais vulneráveis à influência externa.

Talvez André Ventura, que escolheu deliberadamente estas companhia, nos possa explicar como é que se faz a limpeza de que fala com estas figuras.

Lá diz o povo: "Diz-me com quem andas..."

Eurodeputado

18
VALORES

Diogo Costa

O futebol é um desporto de 11 contra 11, mas há dias em que 1 faz toda a diferença. Se Portugal está nos quartos-de-final do Europeu, muito se deve ao guarda-redes: uma defesa crucial ao minuto 115 do prolongamento, seguido de três penáltis defendidos. Impressionante.

Pais querem mais tempo para matrículas e professores ficam sem acesso aos computadores

EDUCAÇÃO Prazo para as inscrições do 6.º ao 9.º ano e 11.º termina amanhã e muitos pais ainda não conseguiram inscrever os filhos. A plataforma tem estado a funcionar intermitentemente. Programa E360 também é utilizado por muitas escolas para lançar notas, estando muitos docentes impedidos de o fazer.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Há pais que ficam acordados durante a noite para tentar inscrever os filhos no Portal das Matrículas (E360), uma tarefa que se tem revelado difícil devido às dificuldades de acesso ao *site*, que têm tornado quase impossível a regularização escolar dos alunos.

O alerta é de Mariana Carvalho, presidente da Confederação Nacional das Associações de Pais (Confap). A responsável explica ao DN ter pedido ao Ministério da Educação uma explicação para saber "os trâmites a seguir para que nenhum aluno fique por matricular". "Esta situação provoca muita ansiedade aos pais e é necessário perceber se deve ou não ser alargado o prazo das matrículas", afirma.

Recorde-se que o Governo decidiu, a 26 de junho, prolongar o período para renovação de matrículas do 6.º, 7.º, 8.º, 9.º e 11.º anos. O prazo, que terminava na passada sexta-feira, foi estendido até amanhã, 5 de julho. Contudo, os problemas com a plataforma continuaram, tendo sido muito difícil o acesso.

Mariana Carvalho conta que os problemas têm sido recorrentes e não quer que voltem a acontecer. A presidente da Confap avança com algumas soluções, que poderiam passar, por exemplo, "por prazos diferenciados para evitar o tráfego concentrado nos mesmo dias".

"O que não pode acontecer é que quem quer inscrever um filho tenha de estar noite dentro a tentar. Por vezes a matrícula é iniciada e não fica concluída, havendo perda de informação e alguns pais podem não se aperceber", alerta.

Arlindo Ferreira, diretor do Agrupamento de Escolas Cego do Maio e autor do blogue *ArLindo* (dedicado à Educação) pede novo alargamento do prazo para inscrições e avança não ter conseguido, ainda, afixar as listas de 1.º ano e pré-escolar porque "não se consegue selecionar os alunos na plataforma".

"As colocações estão em papel, feitas à mão, mas não estão extraídas no Portal das Matrículas", conta. Por isso, diz, "é necessário prolongar o prazo". "As escolas não receberam qualquer indicação por parte do ME a não ser o pedido de desculpas às famílias e a informação do prolongamento. Esta situação, com muitos alunos a mudar do 6.º ao 7.º ano, causa transtorno. No meu caso, tenho muitos pedidos de mudanças para a minha escola e não consigo colocar os alunos", acrescenta.

PAULO JORGE MAGALHÃES / GLOBAL IMAGENS

Encarregados de educação estão a ter dificuldades em inscrever os filhos nos novos ciclos.

No seguimento dos problemas registados o ano passado, o anterior Governo adjudicou, em fevereiro de 2024, o desenvolvimento de uma nova plataforma às empresas OutSystems e Babel. Ambas iniciaram os trabalhos em março, altura em que foram detetados problemas com a plataforma.

Este não é o único constrangimento da plataforma E360, com muitas outras funções. É utilizada também para lançar as notas nas escolas, algo que tem sido difícil de fazer por parte dos docentes. "O E360 foi uma plataforma que o ME quis impingir às escolas. As outras plataformas, como o GIAE ou o Inovar, não dão problemas, mas esta sempre funcionou muito mal. Está com problemas desde sábado", afirma Arlindo Ferreira.

A área informática do ME "tem sido um problema e não uma solução"

Os problemas informáticos não se ficam por aqui. Os computadores do ME deixaram de funcionar no sábado, deixando milhares de professores à beira de um ataque de nervos. Os PC bloquearam por causa de um *software* de proteção, sem aviso prévio. Segundo Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), para resolver o problema, "os docentes recorreram às redes sociais e aos grupos de professores para saber como poderiam voltar a aceder aos PC", não tendo havido indicações por parte do ME.

> Os computadores do ME deixaram de funcionar no sábado, deixando milhares de professores à beira de um ataque de nervos. Os PC bloquearam por causa de um *software* de proteção, sem aviso prévio.

"Este fim de semana muitos diretores não conseguiram trabalhar porque os computadores não funcionam, bem como o E360 não funcionava. Não houve nenhuma diretiva da tutela e foi pelas redes sociais que se descobriu a solução. Mais uma vez, o digital está a complicar a vida às escolas e aos professores", lamenta.

O movimento SOS Escola Pública explica, em comunicado, a origem do problema. "Trata-se de uma suspensão imposta por decisões judiciais em Portugal e França no serviço OpenDNS, um dos serviços DNS mais utilizados na internet, serviço de segurança e privacidade instalado nos portáteis do KIT Digital, cedidos a professores e alunos, levou a que estes deixassem de funcionar corretamente, originando um bloqueio no acesso à internet", pode ler-se.

No mesmo documento, o movimento alerta para o momento delicado em que a falha aconteceu, numa altura em que "as escolas se encontram em pleno processo de avaliação dos alunos do 1.º ciclo, que terminaram as aulas na última sexta-feira e necessitam desse acesso à internet para registo da avaliação nos portais de gestão escolar dos agrupamentos".

O SOS Escola Pública denuncia falhas em várias plataformas: "Desde o Portal das Matrículas, ao *site* de apoio aos professores classificadores de provas e exames nacionais, ao SIGRHE (plataforma de recrutamento docente), e a outras plataformas de registo de dados como o SIGO – Sistema de Gestão da Rede Escolar, imprescindíveis ao encerramento do ano letivo e para a preparação do próximo, às páginas da Direção-Geral da Administração Escolar (DGAE) ou da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGESTE). "São muitas as queixas de professores a que temos assistido nos últimos dias", conclui. Assim, diz o movimento, os vários problemas informáticos estão a "inviabilizar e a comprometer o trabalho de professores, gestores escolares e secretarias".

Filinto Lima relata as mesmas dificuldades e preocupações, afirmando que "a área informática do ME tem sido um problema e não uma solução". "O E360 é um programa muito antigo, com imensos problemas e poucas potencialidades. Os professores queixam-se das dificuldades há anos. O E360 é da autoria do ME, mas nunca satisfez as necessidades das escolas e é mais um problema do que uma solução", sublinha. O presidente da ANDAEP pede soluções para estes problemas, admitindo tratar-se de "um problema estrutural que não se resolve de um dia para o outro". "O digital não está a funcionar", conclui. No seio das preocupações do representante dos diretores escolares está também o concurso dos professores, cujo resultado ainda não foi ainda divulgado. "Estamos à espera da lista de colocações. Vamos ter milhares de professores em movimentação e essa lista tinha de ser conhecida rapidamente. Ajuda a programar o próximo ano letivo e os professores a organizarem a sua vida a tempo e horas", refere.

O DN contactou o ME para saber o ponto de situação no que se refere às plataformas informáticas e para saber se haverá ou não novo prolongamento de prazo para inscrições, mas até à hora do fecho desta edição não obteve resposta.

Vítor Almeida vai substituir Luís Meira na presidência do INEM.

Defensor da especialidade de Medicina de Urgência é o novo presidente do INEM

MUDANÇAS Vítor Almeida é anestesista no Hospital São Teotónio, em Viseu, e um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Medicina de Urgência e de Emergência. No ano passado, candidatou-se à presidência do INEM, teve o aval da CRESAP, mas o Governo decidiu manter em funções Luís Meira, que se demitiu esta semana.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

O Ministério da Saúde escolheu o médico Vítor Almeida, do Hospital de São Teotónio, em Viseu, para presidir ao Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM), substituindo Luís Meira, que lá estava desde 2016 e se demitiu na segunda-feira, avançou a SIC Notícias e confirmou o DN.

Vítor Almeida é médico há mais de 20 anos e tem como primeira especialidade Medicina Geral e Familiar, mas desde o internato médico que começou a interessar-se pela Medicina de Emergência, o que o levou depois à formação numa outra especialidade, a de anestesia, que agora exerce em Viseu. E, segundo contaram ao DN pessoas próximas do novo dirigente do instituto, na área da Emergência "é um homem com muita experiência, já fez de tudo, desde ambulâncias, VMER ou emergência aérea, tanto no país como lá fora, pois teve várias missões humanitárias".

Quem o conhece diz mesmo que do seu currículo fazem parte mais de 20 de anos de luta pela criação da especialidade de Medicina de Urgência em Portugal, acabando por ser um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Medicina de Urgência e Emergência e um dos subscritores do projeto de criação da especialidade que esteve em discussão há cerca de dois anos no Conselho Nacional da Ordem dos Médicos, mas que acabou por ser chumbado.

Na altura, e quando foi contactado pelo DN, Vítor Almeida não escondeu a sua desilusão com a decisão da Ordem, considerando que o país tinha perdido a oportunidade de poder fazer história e de se juntar a outros em que a especialidade já existe.

O debate sobre este tema não voltou a estar em cima da mesa, a não ser quando se fala de equipas fixas nas Urgências, mas a própria classe médica não consegue chegar a consenso.

Vítor Almeida é dos médicos que diz sim e agora vai presidir ao Instituto Nacional de Emergência Médica trabalhando com médicos e técnicos dedicados a esta área e que já fizeram saber estarem "expectantes". Até porque, têm sido críticos da gestão de Luís de Meira e na segunda-feira chegaram mesmo a pedir a sua demissão.

Uma das pessoas próximas de Vítor Almeida acredita que com ele "as relações laborais possam ficar pacificadas", porque experiência em coordenação de equipas e em Medicina de Emergência não lhe falta, desde as missões em Timor ou em Sarajevo, ou mais recentemente na Ucrânia.

Vítor Almeida era o coordenador do Gabinete de Apoio Humanitário da Ordem dos Médicos e o bastonário da altura, Miguel Guimarães, nomeou-o coordenador da equipa que acabou por rumar ao Leste da Europa para apoio Humanitário aos refugiados.

No ano passado, voltou a destacar-se na comunicação social ao explicar a Medicina de Catástrofe a propósito do terramoto em Marrocos e das cheias na Líbia. Mas, no ano passado também, e quando terminava o mandato de Luís Meira, candidatou-se à presidência do INEM e o seu nome teve o aval da Cresap, mas o Governo acabou por renomear no cargo o presidente que já estava em funções e que agora sai por desentendimentos com a nova tutela.

Recorde-se que Luís Meira pediu a demissão depois de a sua gestão ter sido criticada pela ministra Ana Paula Martins, sobretudo pela forma como geriu o processo de aquisição de helicópteros para a emergência aérea – não lançou um concurso público internacional optando pelo ajuste direto ao operador atual.

Um ano depois Vítor Almeida é escolhido para o cargo para que já tinha dado provas. A nomeação é por 60 dias, mas já foi aberto concurso na Cresap.

anamafaldainacio@dn.pt

Criminosos gastavam três mil euros por dia em compras

INVESTIGAÇÃO Dois estrangeiros foram detidos pela PJ, mas falta saber se trabalhavam juntos. Um dedicava-se ao tráfico de droga, o outro era procurado por homicídio.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

A PJ desmantelou uma rede criminosa que operava nos Países Baixos e em Portugal durante uma operação de combate ao tráfico de droga internacional por via marítima que culminou com a detenção de duas pessoas.

A ação decorreu "na sequência de um pedido das autoridade neerlandesas para identificarmos e controlarmos um indivíduo aqui, em Portugal, com vista à sua detenção e execução dos mandados de busca", explicou ao DN Vítor Ananias, coordenador de investigação criminal da PJ.

Na operação, denominada *Labirinto*, a PJ identificou "o local onde o homem residia e procedemos, de terça para quarta, à execução dos mandados de busca e à sua detenção".

Só que este cidadão com dupla nacionalidade, brasileiro e neerlandês, não estava sozinho. A polícia deu com o paradeiro de outro cidadão, um albanês. "Na sequência dessa detenção e das diligências que executámos, viemos a identificar outro indivíduo que o acompanhava e que estava a residir próximo dele, que também tinha um mandado de captura internacional, por homicídio." Os dois residiam na zona do Parque das Nações, em Lisboa, e a PJ ainda não conseguiu "esclarecer se havia uma ligação criminosa entre os dois". Nas duas buscas realizadas foram apreendidas "elevadas quantidades de dinheiro, vários veículos topo de gama, bens de luxo, sistemas de comunicações e diverso equipamento informático". Ao DN, Vítor Ananias clarificou: "Além das viaturas apreendidas, eram indivíduos que compravam muitos bens de luxo. Chegavam a gastar três mil euros por dia em compras, nas lojas de luxo da Avenida da Liberdade." Além dos automóveis, a PJ apreendeu "essencialmente roupa, relógios e joias".

O coordenador de investigação explicou: "Este homem, brasileiro-neerlandês, estava em Portugal recuado. Ou seja, fazia algumas ações nos Países Baixos e, depois de praticadas essas ações, regressava a Portugal onde se sentia mais confortável." Isto porque, "estava mais resguardado, até porque já tinham existido algumas ações diretas, nos Países Baixos, contra este grupo, em que já tinham sido detidas várias pessoas". **Com LUSA**

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Reforçar combate à criminalidade

A nova Agência Europeia sobre Drogas (EUDA, na sigla inglesa) promete um reforço da cooperação internacional no combate à criminalidade associada à droga e um sistema de alerta mais rápido e eficaz contra novas ameaças, como os opioides sintéticos. A cerimónia onde esteve o presidente da EUDA, Alexis Goosdeel, contou com a presença da comissária europeia para os Assuntos Internos, Ylva Johansson.

Opinião
Rui Paiva

Não contem com inspetores da PJ para funções administrativas

O ministro António Leitão Amaro tem na recuperação dos mais de 400 mil processos atrasados na Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) um problema difícil de resolver. Mas não pode solucioná-lo com métodos que não fazem qualquer sentido, como arrastar ex-inspetores do SEF – hoje inspetores da Polícia Judiciária (PJ) – para a estrutura de missão que anunciou no seu *Plano de Ação para as Migrações*.

Se a sucessão do SEF fosse uma corrida de meio-fundo, a primeira a cortar a linha da meta, e a conquistar a medalha de ouro, seria, de longe, a Polícia Judiciária: em janeiro tinha já os inspetores oriundos do SEF a trabalhar a todo o vapor no combate à criminalidade organizada, complexa e transnacional. Podemos dizer que o reforço deste combate foi a maior conquista de todo este atribulado processo.

Ligeiramente atrás, a "Prata" caberia à GNR, a qual assume agora autonomamente as fronteiras marítimas. E o "Bronze" iria para a PSP, que se debate ainda com sérias dificuldades em assumir as competências que a lei lhe atribuiu. Só o recurso a pessoal "emprestado" pela PJ – uma medida obrigatoriamente temporária! – tem evitado ruturas.

Muito atrás, com várias voltas de atraso e sem direito a qualquer medalha, está a componente administrativa das migrações, concentrada na AIMA.

No início os protagonistas deste novo paradigma da documentação "sem polícias" garantiam estar à altura do novo desafio – e prometiam que, em cerca de ano e meio, resolveriam os 350 mil processos que rotularam de "pesada herança do SEF", como se a AIMA não fosse, no essencial, o pessoal administrativo do ex-SEF.

De todo o processo, que foi um falhanço total, a única coisa que se alcançou foi, de facto, a separação das funções administrativas de documentação de cidadãos estrangeiros das funções policiais de controlo, investigação e fiscalização. Este foi, aliás, o princípio com que todos os atores políticos concordaram: aos polícias o trabalho de polícia, ao pessoal administrativo a tramitação dos processos. E são estes últimos que devem ser chamados a solucionar o problema para o qual se assumiram como capazes.

Não faz qualquer sentido, portanto, o Governo querer agora pôr inspetores da PJ a fazer trabalho administrativo.

Que não restem dúvidas: os inspetores do SEF eram polícias antes, polícias são agora como inspetores da PJ. Não lhes cabe – como nunca coube – instruir processos administrativos de concessão de Autorização de Residência. Devem dedicar-se ao que fazem como ninguém: combater a criminalidade organizada, complexa e transnacional, e proteger as suas vítimas.

O Governo não pode simplesmente sacrificar prioridades a este nível. É do mais elementar bom senso – já para não falar em humanismo, defesa dos Direitos Humanos e em sentido de Estado...

O problema da AIMA é administrativo e só se resolve com profissionais administrativos.

Governar é ter a lucidez de ver o óbvio!

"O problema da AIMA é administrativo e só se resolve com profissionais administrativos. Governar é ter a lucidez de ver o óbvio!"

Presidente do Sindicato do Pessoal de Investigação Criminal da Polícia Judiciária – SPIC-PJ

Opinião
Rute Agulhas

Um homem também chora?

A pergunta sobre se um homem também chora tem uma e apenas uma resposta: chora sim senhor, e chorar é, acima de tudo, um sinal de inteligência emocional. Significa que se é capaz de reconhecer e expressar as próprias emoções, canalizando-as de uma forma construtiva e que protege a saúde mental.

Falamos hoje das lágrimas de Cristiano Ronaldo e de como elas podem – e devem – ser entendidas como um sinal de força, resiliência e determinação.

A ideia de que os homens não choram e de que essa ausência de lágrimas equivale a uma demonstração de coragem é uma ideia errada mas, infelizmente, ainda muito enraizada na nossa cultura. Tradicionalmente, às raparigas é permitido o comportamento de choro, compatível com a sua fragilidade e vulnerabilidade. Pelo contrário, os rapazes são ainda, muitas vezes, educados para serem fortes, equivalendo essa força à ausência de qualquer expressão emocional.

Mitos, mitos e mais mitos.

As emoções fazem parte de todos nós e não existem emoções boas ou más. Existem, sim, emoções agradáveis ou desagradáveis de sentir, mas todas elas são igualmente importantes e adaptativas, desde que reconhecidas, reguladas e expressas de uma forma ajustada.

Chorar é uma forma de expressar aquilo que se sente – seja tristeza, desilusão, frustração, desânimo ou qualquer outra emoção mais desagradável. Chorar carrega, em si, algum alívio e enceta ainda, em algumas situações, um pedido de ajuda.

Chorar é, afinal de contas, uma forma ajustada de se expressar aquilo que se sente.

O choro pode ainda estar associado a um processo de investimento emocional, seja em relacionamentos pessoais ou amorosos, seja em projetos profissionais. Dedica-se tempo e energia a algo ou alguém, procurando satisfação pessoal e sentimentos de realização. E quando se investe emocionalmente importa estar ciente dos riscos deste processo, nomeadamente, a frustração decorrente de não se alcançarem as metas desejadas. Assim, revela-se fundamental conhecer os limites e as necessidades pessoais, de modo a conseguir-se um equilíbrio saudável entre investir do ponto de vista emocional e proteger a saúde psicológica.

Chorar é então, afinal de contas, não um sinal de fraqueza, mas sim um sinal de investimento emocional em algo ou alguém, determinação e persistência.

Um homem também chora?

Claro que sim.

"Chorar é então, afinal de contas, não um sinal de fraqueza, mas sim um sinal de investimento emocional em algo ou alguém, determinação e persistência. Um homem também chora? Claro que sim."

Psicóloga clínica e forense, terapeuta familiar e de casal

85ª
VOLTA A PORTUGAL
Acompanhe toda a emoção da Volta. Saia para a rua, venha para a estrada.
24 JULHO A 4 AGOSTO 2024
24 PRÓLOGO Águeda (CRI)
25 1ª ETAPA Anadia (Sangalhos) Miranda do Corvo
26 2ª ETAPA Santarém Lisboa
27 3ª ETAPA Crato Covilhã
28 4ª ETAPA Sabugal Guarda
29 DIA DE DESCANSO Etapa da Volta RTP Guarda
30 5ª ETAPA Penedono Bragança
31 6ª ETAPA Bragança Boticas
01 7ª ETAPA Felgueiras Paredes
02 8ª ETAPA Viana do Castelo Fafe
03 9ª ETAPA Maia Mondim de Basto (Sª. Graça)
04 10ª ETAPA Viseu (CRI)
PATROCINADOR PRINCIPAL
CONTINENTE
PATROCINADORES OFICIAIS CAMISOLAS
galp
Carclasse
PLACARD
PARCEIROS MEDIA
JN
ANTENA 1
CISION
JCDecaux
NOVA EXPRESSÃO
PATROCINADORES OFICIAIS
JOGOS SANTACASA
Lusíadas Saúde
SABGAL
anicolor
URIAGE
Vitalis
ABTF betão
.pt
RTP
THULE
CUBE
FORNECEDORES OFICIAIS
DELTA
VIÚVA LAMEGO
Bairrada
interpreu
EME
ISTO.
DOUBLET
waze
worldit
e-goi
SHIMANO
PRAXI SEGURANÇA
Digital Decor
CLASSIFICAÇÕES
Continental ciclocoimbrões
CÂMARAS MUNICIPAIS
ÁGUEDA - ANADIA (SANGALHOS) - CANTANHEDE - MONTEMOR-O-VELHO - SOURE - CONDEIXA-A-NOVA - MIRANDA DO CORVO (OBSERVATÓRIO DE VILA NOVA) - SANTARÉM - CARTAXO - ALPIARÇA - ALMEIRIM - CORUCHE - SALVATERRA DE MAGOS - BENAVENTE - VILA FRANCA DE XIRA - LISBOA (MARVILA) - CRATO - CASTELO BRANCO - FUNDÃO - COVILHÃ (TORRE) - SABUGAL - PENAMACOR - BELMONTE - GUARDA - PENEDONO - BRAGANÇA - BOTICAS - FELGUEIRAS - MARCO DE CANAVESES - PAREDES - VIANA DO CASTELO - FAFE - MAIA - MONDIM DE BASTO (SRA. DA GRAÇA) - VISEU
PARCEIROS INSTITUCIONAIS
Turismo Centro Portugal
ALENTEJO
Infraestruturas de Portugal
Salvador Parceiro Social
Centro de Informação Geoespacial do Exército
POLÍCIA SEGURANÇA PÚBLICA
GNR
ORGANIZAÇÃO
PODIUM EVENTS
FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CICLISMO
UCI EUROPE TOUR
www.volta-portugal.pt · facebook.com/voltaaportugal · instagram.com/voltaportugal

Ganhos com a IA "não serão substanciais" e Portugal é dos que menos vai aproveitar

FÓRUM BCE Estudo de jovem economista francês, apresentado no encontro do BCE, em Sintra, foi dos mais elogiados. Mostra que a nova vaga de IA pode aniquilar contabilistas e trabalhadores do *telemarketing*, mas que há profissões a salvo.

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**

BANCO CENTRAL EUROPEU

Antonin Bergeaud, professor de Economia na prestigiada HEC Paris, apresentou o estudo no Fórum BCE, que terminou ontem em Sintra.

Os ganhos gerados pela implementação de novas tecnologias baseadas em inteligência artificial (IA) deverão ser "importantes", mas "não substanciais", como muitos peritos defendem, conclui um estudo sobre o passado, presente e futuro da produtividade do trabalho e do capital nos próximos anos, na Europa, apresentado no último dia do fórum do Banco Central Europeu (Fórum BCE), que decorreu em Sintra, Portugal, entre segunda-feira e ontem.

O trabalho de Antonin Bergeaud, um jovem economista francês (35 anos) da Escola de Altos Estudos Comerciais de Paris (HEC Paris), usou modelos já estabelecidos de outros peritos na área, como Daron Acemoglu (professor do MIT), para estimar o impacto de tecnologias *avant garde* como a IA generativa.

Os ganhos de produtividade e de crescimento económico que se podem já projetar nos próximos dez anos são bem mais modestos do que se diz, conclui o professor.

O estudo faz ainda um exercício para 18 economias da Europa no qual Portugal fica abaixo da média no aproveitamento do potencial da IA nos ganhos de produtividade, por exemplo. Atrás da Eslovénia e das três economias bálticas (Lituânia, Letónia e Estónia).

A investigação também atualiza o já famoso *ranking* das profissões mais ameaçadas pelo advento artificial. Os contabilistas e o pessoal do *telemarketing* são os mais ameaçados pela adoção da IA; no extremo oposto, no grupo dos menos expostos, estão enfermeiros, cabeleireiros e profissões da construção civil. Sobre os advogados, há uns anos um grupo quase blindado face aos avanços da nova informática, há agora mais dúvidas: estão mais expostos, quase tanto como os arquitetos e os jornalistas.

Na apresentação ao Fórum BCE, Antonin Bergeaud conclui que "os ganhos com a adoção da IA serão provavelmente importantes, mas não substanciais". E "a maior parte dos ganhos virá da produção de IA para criar novas ideias", mas "isto exige estar na fronteira tecnológica e ser capaz de produzir novos modelos e ferramentas", sobretudo focados na realização de novos avanços no conhecimento e, ato contínuo, na produtividade do trabalho das pessoas e do investimento feito por empresas e Estados.

O estudo endereçado ao Fórum organizado pela autoridade presidida por Christine Lagarde conclui que, no caso da União Europeia (UE), "o fosso [o diferencial de produtividade face aos EUA] tem sido particularmente acentuado desde 1995, o que levanta grandes preocupações sobre o futuro do crescimento económico europeu, especialmente, tendo em conta que o panorama da inovação [UE] continua a sofrer dos mesmos problemas que contribuíram para o seu relativo abrandamento após a crise petrolífera".

Assim, o futuro da produtividade europeia "poderá depender da adoção efetiva da inteligência artificial e das inovações relacionadas com o clima".

O autor assume que "estas tecnologias têm um potencial significativo para gerar ganhos de produtividade e poderão inverter esta tendência negativa".

No entanto, "os ganhos da substituição de tarefas fáceis de automatizar pela IA são relativamente modestos". O grosso do emprego ainda está radicado numa grande proporção de empregos onde a IA pode, com alguma facilidade, ocupar o espaço disponível em termos de tarefas.

> Portugal fica abaixo da média de 18 países no aproveitamento do potencial da IA nos ganhos de produtividade, por exemplo. Atrás da Eslovénia, Lituânia, Letónia e Estónia.

Um certo vazio de novas ideias?

Outro ponto a ter em consideração, diz o economista, é que "para concretizar todo o potencial da IA, a Europa deve incentivar as empresas a investir no desenvolvimento de novos modelos que melhorem a qualidade dos bens e serviços, que criem novas ideias e resolvam problemas complexos".

Da mesma forma, surge o aviso de que há atrasos do passado recente que é preciso resolver, de recuperar: "O desenvolvimento de inovação verde [tecnologias mais amigas do ambiente], impulsionado principalmente por novas empresas, foi interrompido com a grande crise financeira devido a restrições de crédito".

"Haver ganhos significativos destas revoluções tecnológicas exigirá, portanto, intervenções políticas mais bem direcionadas que garantam uma melhor afetação de recursos e promovam um ambiente que apoie a adoção e o desenvolvimento tecnológico mais radical", defende o economista.

Antonin Bergeaud, que também recuou aos primórdios da idade industrial contemporânea (Revolução Industrial, finais do século XIX), não esquece que desde meados dos anos 70 do século passado se assistiu a um declínio da Europa na liderança do impulso da produtividade, face aos EUA, mais recentemente face a outras economias, como a China, por exemplo. É o caso das patentes, da autoria de novas ideias e fórmulas tecnológicas, é o caso da inteligência artificial, também. A Europa faz isto, claro, mas faz muito mais devagar, mostra a investigação.

"Esta tendência europeia pode estar relacionada com políticas industriais e de inovação inadequadas que sofreram com a falta de coordenação entre países, incentivos inadequados para a colaboração com o ecossistema universitário e um sistema financeiro que não apoia adequadamente a assunção de riscos e o desenvolvimento de *startups* de rápido crescimento preparadas para se tornarem líderes em novas vagas tecnológicas", constata o professor.

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt

“Arriscar” na política fiscal

O primeiro-ministro defendeu ontem que Portugal tem de ter a coragem e de arriscar na política fiscal, para que seja um instrumento ao serviço da economia, e disse não se importar se os resultados só se sentirem daqui “a 10 ou 15 anos”. Luís Montenegro participava numa conversa com dois emigrantes portugueses qualificados, inserida na conferência da associação Business Roundtable Portugal 2024, sob o lema *Portugal: o país onde vais querer estar*, que decorreu na NOVA School of Business & Economics, em Carcavelos.

ANTÓNIO COTRIM / LUSA

Grandes Opções preveem investimento de 9,4 mil milhões este ano

POLÍTICAS Entre as seis prioridades do Governo até 2028 está “um país mais justo e solidário”, com medidas para jovens e idosos, para as quais prevê alocar 1132 milhões este ano.

A proposta de lei das Grandes Opções, apresentada pelo Governo para o período 2024-2028 já deu entrada na Assembleia da República e assenta em seis grandes “desafios”, com um financiamento previsto para este ano de 9408 milhões de euros, lê-se no documento. Segundo a proposta, nos quatro anos entre 2024 e 2028 estão previstos quase 58 mil milhões de euros de financiamento para essas seis áreas consideradas prioritárias pelo Executivo de Luís Montenegro.

“A implementação das Grandes Opções 2024-2028 exige um conjunto ambicioso de medidas de política e de investimentos”, indica o Executivo PSD-CDS, no documento. E o primeiro desafio elencado é “um país mais justo e solidário”, que inclui medidas para “a criação de condições e oportunidades para que os jovens possam concretizar os seus projetos de vida em Portugal”, assim como iniciativas de apoio à família e aos idosos. Para este desafio as Grandes Opções do Governo preveem um investimento de 1132 milhões de euros este ano, num total de 5703 milhões nos quatro anos até 2028.

O segundo desafio eleito pelo Executivo, lê-se nas Grandes Opções entregues no Parlamento, é “um país mais rico, inovador e competitivo” Aqui incluem-se medidas de apoio às empresas e de aposta em novos mercados, entre outras ações, com um financiamento inscrito de 2756 milhões de euros este ano e de 15 674 milhões até 2028.

“Um país com um Estado mais eficiente” é a terceira prioridade identificada pelo elenco governativo, que quer fazer reformas na Administração Pública, incluindo na saúde. O financiamento previsto para este desafio em 2024 é de 647 milhões de euros e de 2424 milhões de nos quatro anos abrangidos.

> Governo diz que fontes de financiamento “se repartem entre o Orçamento do Estado e o quadro europeu de instrumentos de financiamento”, como o PRR, PT2020 e PT2030.

Na saúde, o Governo pretende aplicar um plano plurianual de investimentos para modernizar o Serviço Nacional de Saúde (SNS), criar um plano para motivar os profissionais e recorrer aos meios públicos, privados e sociais para garantir o acesso à saúde.

Para o quarto desafio – “um país mais democrático, aberto e transparente” –, o Governo alocou este ano 62 milhões de euros e 333 milhões até 2028, em reformas como, por exemplo, na área da justiça.

O quinto desafio, chamado “um país mais verde e sustentável”, pretende uma nova geração de políticas de ambiente e energia, com um investimento este ano de 4690 milhões de euros e de 33 353 milhões de euros no período em análise.

Por fim, a sexto prioridade do Governo de Montenegro é “um país mais global e humanista”. Para este domínio, que contempla a política externa e a imigração, está previsto um financiamentos total de 121 milhões de euros este ano, e de 446 milhões de euros até 2028.

Acelerar pagamentos do PRR

As Grandes Opções revelam que o Governo vai aumentar os recursos humanos da Estrutura de Missão Recuperar Portugal (EMRP), que está encarregue da monitorização e execução do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), para acelerar os pagamentos aos beneficiários do Plano e a análise de candidaturas. De acordo com o documento, está prevista a criação de uma bolsa de técnicos, “de forma a ultrapassar os acréscimos de trabalho”. O prazo para a análise de candidaturas, em matéria de fundos europeus, vai ser fixado em 60 dias, limite que desce para metade no caso dos pedidos de pagamento, com exceção para os apoios no âmbito do Plano Estratégico da Política Agrícola Comum (PEPAC).

O Governo detalha que as fontes de financiamento neste âmbito “se repartem entre Orçamento do Estado e o quadro europeu de instrumentos de financiamento, designadamente, o PT 2020, em fase de encerramento, a iniciativa de Assistência de Recuperação para a Coesão e os Territórios da Europa (REACT UE), o Programa de Recuperação e Resiliência (PRR), e o PT 2030, que materializa o ciclo de programação de fundos europeus para o período 2021-2027”.

DN/DV/LUSA

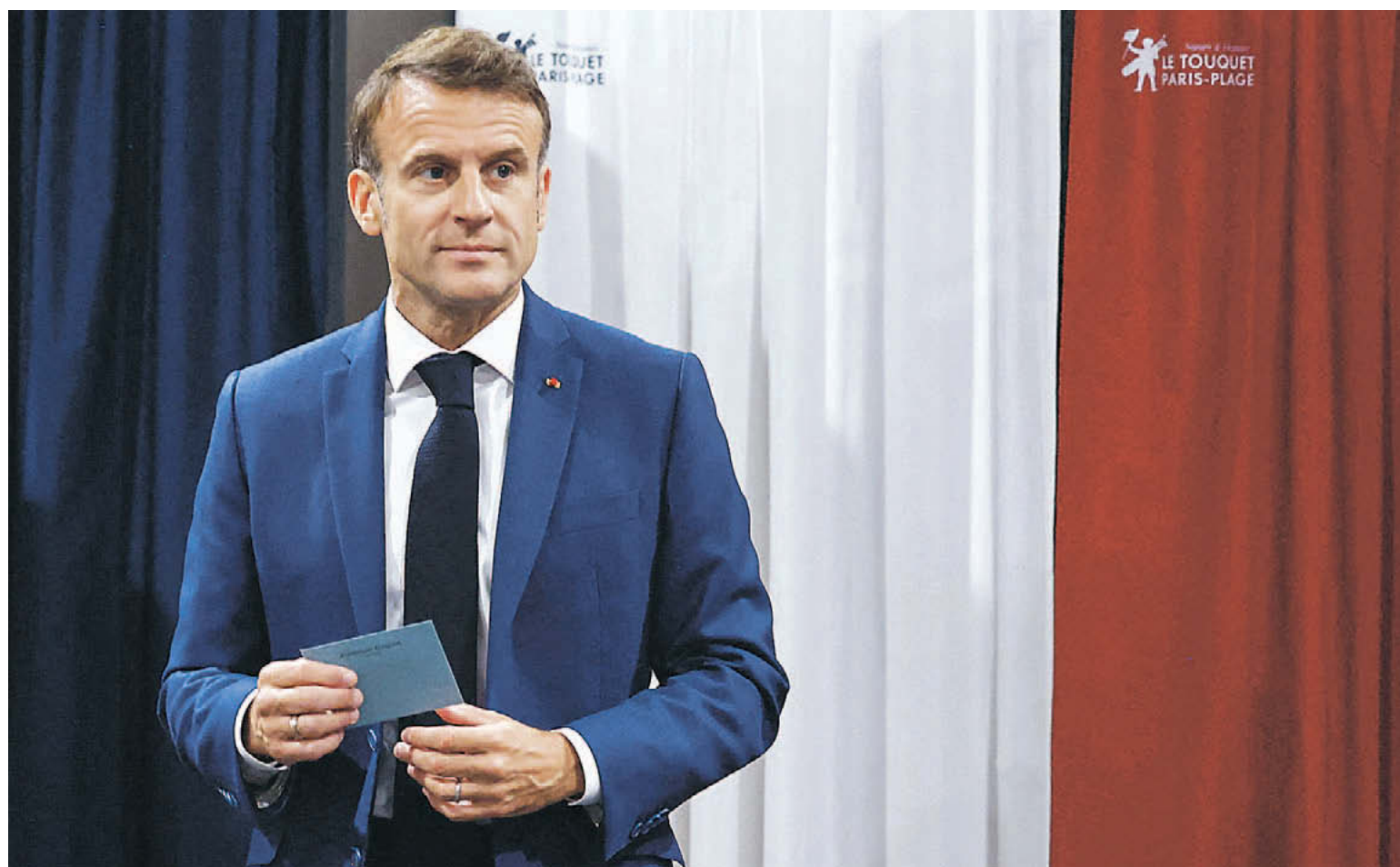
BREVES

Pagos 4,6 mil milhões do PRR até junho

Os pagamentos aos beneficiários diretos e finais do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) ascenderam a 4616 milhões de euros até 26 de junho, segundo o último relatório de monitorização. Este montante corresponde a 21% da dotação e do valor contratado e a 25% do aprovado. Relativamente à semana passada, os beneficiários receberam mais 38 milhões de euros. Com os maiores valores recebidos estão as empresas (1747 milhões de euros) e as entidades públicas (1133 milhões de euros). No fundo da tabela estão as instituições do sistema científico e tecnológico (97 milhões de euros). Por sua vez, as aprovações de projetos fixaram-se em 18 377 milhões de euros, mais 128 milhões de euros. Até 26 de junho, o PRR recebeu 335 019, das quais 221 919 já foram analisadas e 177 203 aprovadas.

Mota-Engil com proposta para alta velocidade

Um consórcio que integra a Mota-Engil e cinco outras construtoras nacionais entregou uma das propostas para a concessão da Alta Velocidade entre Lisboa e Porto, confirmou à Lusa fonte do agrupamento de empresas. A IP - Infraestruturas de Portugal recebeu duas propostas ao concurso público para a concessão da linha ferroviária de alta velocidade entre Porto e Lisboa, anunciou ontem o Governo, sem revelar quais são as empresas envolvidas. Mais concretamente, em causa está para “a Concessão da Linha Ferroviária de Alta Velocidade entre Porto (Campanhã) e Oiã, que integra a 1.ª de três fases da nova Ligação Porto - Lisboa, uma vez concluído o prazo de entrega”, indicou, em comunicado, o Governo.
A IP não divulgou o nome das duas empresas que submeteram propostas a este concurso.

YARA NARDI / POOL / AFP

Discurso do presidente francês contra aliança com a extrema-esquerda tem sido repetido por várias figuras do seu campo político.

Macron recusa um Governo com a participação da França Insubmissa

LEGISLATIVAS Attal admite que só a extrema-direita pode conseguir maioria absoluta, mas apela a que os franceses evitem esse cenário, mesmo que tenham de votar em quem não queriam.

TEXTO **ANA MEIRELES**

"Não governaremos com a França Insubmissa." A garantia foi dada ontem por Emmanuel Macron durante a última reunião do Conselho de Ministros antes da segunda volta das Legislativas antecipadas, marcadas para domingo, referindo-se ao partido de extrema-esquerda que faz parte da coligação Nova Frente Popular. "Assim como dizemos que nem um único voto vai para o Reunião Nacional, está fora de questão que a França Insubmissa se junte ao Governo", acrescentou o presidente francês.

Uma linha de discurso que foi repetida também ontem pelo primeiro-ministro, que afirmou que "não há, e nunca haverá, uma aliança com a França Insubmissa". Gabriel Attal rejeitou também as sugestões de que o campo de Macron poderia tentar formar um Governo multipartidário no caso de uma Assembleia Nacional fraturada. "Espero que o campo do Juntos seja o maior possível", referiu o líder do Governo, acrescentando: "Depois disso, procuraremos garantir maiorias projeto a projeto."

Em declarações à rádio France Inter, Gabriel Attal admitiu que "há apenas um bloco capaz de ter maioria absoluta e é a extrema-direita" e que, perante este cenário, "no domingo à noite, o que está em jogo na segunda volta é fazer tudo para que a extrema-direita não tenha maioria absoluta". "Não é bom para muitos franceses terem de bloquear [o RN] votando em quem não queriam", mas "é nossa responsabilidade fazer isso".

Um exemplo de como poderá funcionar esta frente única contra a Reunião Nacional passa-se no Círculo de Tourcoing, no norte de França, onde a candidata da Nova Frente Popular desistiu da segunda volta a favor do ministro do Interior, Gérald Darmanin, um político contestado pela esquerda, que irá enfrentar a extrema-direita no domingo.

Outro exemplo é o do ex-primeiro-ministro Édouard Philippe, uma voz influente no campo pró-Macron, que anunciou ontem na TF1 que vai votar num candidato comunista para travar a Reunião Nacional no seu círculo eleitoral. "Prefiro um eleito que conheço, com quem trabalho no interesse de Le Havre, mesmo com diferenças e que me parece atender às exigências democráticas que partilho, do que o RN", explicou.

Philippe afirmou ainda que após as eleições apoiaria uma nova maioria parlamentar que poderia abranger "da direita conservadora aos sociais-democratas", mas não incluiria a França Insubmissa.

Os seus comentários também foram repetidos por Xavier Bertrand, um peso pesado da direita que serviu como ministro no Governo do presidente Nicolas Sarkozy, que apelou a um "Governo provisório" focado na "reconstrução do [seu] país". "A única coisa que é possível é entender que existem outras alternativas além de uma maioria com um Governo do RN ou uma coligação de bastidores", disse. "A classe política está dando uma imagem cada vez mais grotesca de si mesma", respondeu a líder de extrema-direita, Marine Le Pen, face a estes comentários.

Segundo o jornal *Le Monde*, 221 candidatos desistiram de ir a votos, enquanto ainda são esperadas 94 corridas a três e uma entre quatro candidatos. É necessária uma maioria absoluta de 289 entre deputados na Assembleia Nacional para que um partido forme Governo sozinho. Le Pen já garantiu que o RN, se conseguir mais de 270 eleitos, tentará conquistar para o seu campo outros eleitos.

ana.meireles@dn.pt

BREVES

Hezbollah ataca Israel após morte de comandante

O Hezbollah reivindicou ontem ter disparado "100 foguetes *Katyusha*" contra duas posições israelitas, em represália pela morte, no sul do Líbano, de um alto-comandante do movimento xiita libanês pró-iraniano, que atribuiu a um ataque israelita. "Em resposta ao ataque e assassínio perpetrados pelo inimigo" em Tiro, no sul do Líbano, os combatentes do Hezbollah atacaram duas posições militares israelitas nos Montes Golã sírios anexados por Israel, foi dito segundo um comunicado do grupo apoiado pelo Irão. O comandante morto é Mohamed Niamah Nasser, responsável por um dos três setores do sul do Líbano. Conhecido como "Hajj Abu Niamah", Nasser foi morto ontem quando um *drone* israelita bombardeou o veículo em que viajava na zona sul de Al Housh, segundo informações da Agência Nacional de Notícias libanesa.

Putin e Xi confirmam sintonia política

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, reuniu-se ontem no Cazaquistão com o seu homólogo chinês, Xi Jinping, confirmando a sintonia com o seu tradicional aliado. "A interação russo-chinesa nos assuntos mundiais é um dos principais fatores de estabilização na arena internacional", argumentou Putin na reunião com o seu homólogo chinês, à margem da cimeira da Organização de Cooperação de Xangai. Este é o segundo encontro entre Putin e Xi em menos de dois meses – e o quinto desde o início da invasão russa da Ucrânia, em fevereiro de 2022 – depois do encontro na China em meados de maio, naquela que foi a primeira viagem do líder russo ao estrangeiro após a sua reeleição para um quinto mandato. Os dois líderes têm já marcada nova reunião em outubro, durante a cimeira de líderes dos BRICS, na Rússia.

Opinião
Saad Erhayem

Fórum Trans Med Migration TMMF: uma oportunidade para enfrentar a imigração ilegal

Em primeiro lugar, gostaria de expressar a minha gratidão e agradecimento por esta oportunidade de conversar sobre a imigração ilegal, especialmente no contexto do *Fórum Trans Med Migration* (*TMMF*).

Atualmente, a Líbia está a preparar-se para a realização de um evento de grande importância no combate à imigração ilegal: o *Fórum Trans Med Migration* (*TMMF*), que terá lugar em Trípoli no dia 17 de julho de 2024. Sob o patrocínio do primeiro-ministro do Governo de Unidade Nacional, este fórum visa reunir esforços internacionais para enfrentar um problema que tem afetado não só a Líbia, mas toda a região mediterrânica e além.

Neste contexto, com uma extensa costa no Mediterrâneo e um vasto deserto, a Líbia tornou-se um ponto de passagem para imigrantes que procuram chegar à Europa. A situação tem criado desafios significativos para o país, que agora busca cooperação internacional para encontrar soluções eficazes.

E, no sentido de sublinhar a importância do tema, na semana passada, o primeiro-ministro da Líbia reuniu-se com chefes de missões europeias acreditadas no país para discutir a realização do fórum, também para conseguir a colaboração e apoio na luta contra a imigração ilegal. A Líbia convidou os ministros do Interior e da Imigração de mais de 28 países da bacia do Mediterrâneo, do Sahel e da União Europeia para participar neste encontro.

Reitero que o *Fórum Trans Med Migration* tem vários objetivos, como a promoção de encontros bilaterais, a realização de *workshops* e a garantia de uma cobertura mediática completa.

Sublinho também que a agenda do evento foi cuidadosamente planeada, desde a receção dos convidados até à partida, garantindo um fluxo bem organizado de atividades.

Desafios e estratégias

A imigração ilegal representa uma violação dos Direitos Humanos e um impacto negativo na economia nacional. A Líbia, em particular, tem sofrido com o aumento deste fenómeno, tornando-se um ponto crítico de trânsito. O fórum procura desenvolver uma estratégia abrangente, envolvendo todos os países envolvidos, para pôr fim à imigração ilegal.

Entre os princípios gerais do fórum estão a parceria entre governos, a troca de experiências e o fortalecimento dos mecanismos de controlo. Estas ações são essenciais para desenvolver uma visão estratégica que acompanhe os interesses comuns, melhore a infraestrutura e fortaleça a cooperação em segurança entre os países envolvidos.

Um convite à ação

A Líbia, com a sua localização estratégica e clima favorável, é um país promissor que precisa do apoio de todos para combater a imigração ilegal e estabelecer as bases da democracia. O país tem um potencial económico robusto, mas necessita de ajuda para enfrentar os desafios atuais.

Por fim, gostaria de felicitar a República Portuguesa e o sr. António Costa, ex-primeiro-ministro, pela nomeação como presidente do Conselho Europeu. Este também é um momento significativo, que reflete a importância da cooperação internacional em questões como a imigração e segurança.

O *Fórum Trans Med Migration* representa uma oportunidade única para fortalecer a colaboração internacional e encontrar soluções duradouras para a imigração ilegal, beneficiando não apenas a Líbia, mas toda a região.

A Líbia tem um potencial económico robusto, mas necessita de ajuda para enfrentar os desafios atuais.”

Embaixador da Líbia na República Portuguesa

Opinião
João Almeida Moreira

O Brasil era feliz e não sabia

O metro de São Paulo, ou *metrô*, com acento circunflexo, tem seis linhas, 91 estações e movimenta quatro milhões de paulistanos apressados todos os dias úteis, enlatados e entalados como sardinhas, no *stress* apressado da hora de ponta e expostos a diversas formas de poluição.

E, no entanto, um utilizador diário do *metrô* na hora de ponta, que todos os dias da semana odiava sentir-se enlatado e entalado entre desconhecidos apressados e exposto a todas as poluições do mundo, desabafou um dia num noticiário matinal da TV Globo: "Ai que saudades do meu *metrô*, eu era feliz e não sabia..."

Estávamos em 2020 e o cidadão, confinado há dias ao seu apartamento por culpa da pandemia, dava tudo por voltar a sentir um *stresszinho* e uma poluiçãozinha.

Os mais católicos são lembrados, a cada missa, que "é justo e necessário, é nosso dever e salvação, dar-vos graças sempre e em todo o lugar", ou seja, que devem, mesmo enlatados e entalados no *metrô*, ser gratos. Já os mais céticos preferem o adágio inglês "não há nada tão mau que não possa piorar".

Colunistas e editorialistas de jornais, militantes de partidos de centro-esquerda e de centro-direita, uns mais católicos, outros mais céticos, devem ter sentido que "não há nada tão mau que não possa piorar" ou que "é justo e necessário, é nosso dever e salvação, dar-vos graças sempre e em todo o lugar" quando no último 24 de junho viram Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso (FHC) juntos num encontro em São Paulo.

Em 1978, tinha Lula 33 anos e FHC 48, o primeiro, ainda só um carismático líder sindical, distribuiu à porta das fábricas panfletos do segundo, um respeitado intelectual, sociólogo e académico que concorria por aquela altura ao Senado.

Mas, em 1980, Lula fundou o Partido dos Trabalhadores (PT) e, em 1988, FHC saiu do MDB para criar o Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB). Dava-se início, a sério, ao processo de redemocratização brasileira.

FHC venceu Lula à primeira volta em duas eleições seguidas, 1994 e 1998, mas o ex-sindicalista bateu os sucessores do ex-académico, José Serra e Geraldo Alckmin, em 2002 e 2006. E a sucessora dele, Dilma Rousseff, ganhou depois a Serra e Aécio Neves, em 2010 e 2014, sempre com recurso a disputadas segundas voltas.

O PT e o PSDB tornaram-se então a tese e a antítese um do outro, o *Fla* e o *Flu* da política, usando o adversário como combustível e alimento para animar as próprias hostes. Lula condenou, injustamente, a herança económica deixada por FHC e FHC criticou, imerecidamente, os programas sociais do Governo de Lula, enquanto dirigentes, de um e de outro partido, se ofendiam, se atacavam, se radicalizavam. Neste cenário, naturalmente, FHC e Lula afastaram-se.

Em 2018, porém, o fenómeno Jair Bolsonaro, expressão local da extrema-direita mundial, levou ao desaparecimento eleitoral do PSDB, que passou de quase 50% para menos de 5% em quatro anos. E na segunda volta de 2022, FHC, face à ameaça de mais quatro anos da estupidocracia bolsonarista, apoiou Lula. Inequivocamente.

Porque, por mais que o velho rival tenha fundado um partido que se tornou a némesis do seu, por mais que ambos tenham disputado duas ferozes eleições diretas e, depois, mais quatro indiretas, FHC, com a lucidez de um nonagenário, entendeu que naquele período da redemocratização, ele, Lula e o Brasil eram felizes. Só não sabiam.

“Em 2018, o fenómeno Jair Bolsonaro (...) levou ao desaparecimento eleitoral do PSDB, que passou de quase 50% para menos de 5% em quatro anos.”

Jornalista, correspondente em São Paulo

42-42. A equação em troféus internacionais que mostra o equilíbrio entre Portugal e França

DUELO Os dois países têm confronto marcado para amanhã nos quartos-de-final. Duas seleções experientes, com jogadores nos melhores clubes do mundo e cujos protagonistas têm, juntos, precisamente o mesmo número de taças internacionais.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Portugal e França discutem amanhã a passagem às meias-finais do Euro2024, numa reedição da final de 2016, ganha pela seleção nacional, que vai colocar frente a frente dois candidatos e futebolistas experientes que atuam em alguns dos melhores clubes mundiais. O duelo de Hamburgo, marcado para as 20.00 horas desta sexta-feira, tem uma grande curiosidade a rodeá-lo: contabilizando os títulos internacionais conquistados pelos futebolistas de um e outro país, regista-se um empate (42-42), o que de alguma forma mostra também como este jogo, que vale a passagem às meias-finais, pode ser equilibrado.

É apenas uma coincidência, mas não deixa de ter algum relevo, em duas seleções que têm médias de idades quase iguais – Portugal com 26,6 anos; a França com 26,4. Para esta amostra foram apenas contabilizados os títulos internacionais dos futebolistas das duas seleções, quer a nível da equipa nacional, quer dos clubes que representaram. E o resultado final é curiosamente uma igualdade (42-42), apesar de a França ter 15 jogadores com este estatuto e Portugal 13.

O último grande título internacional da França foi alcançado em 2018, com a conquista do Campeonato do Mundo da Alemanha. Na equipa atual há seis sobreviventes dessa grande conquista – Pavard, N'Golo Kanté, Griezmann, Mbappé, Giroud e Dembélé.

Portugal venceu o Europeu de 2016, batendo curiosamente na final a França, no célebre jogo decidido no prolongamento com um golo de Éder. Dessa seleção histórica há apenas quatro jogadores que ainda estão na lista deste Campeonato da Europa – Rui Patrício, Pepe, Danilo e Cristiano Ronaldo.

França e Portugal têm ainda no currículo a Liga das Nações – os gauleses venceram a prova de seleções em 2021; os portugueses celebraram em 2019. Por serem triunfos relativamente recentes, de um e outro lado há vários jogadores que participaram nessas conquistas e que ainda fazem parte das seleções atuais.

Um olhar à lista dos jogadores mais *premiados* a nível internacional, permite chegar facilmente à conclusão de que o jogador com mais títulos é Cristiano Ronaldo (13). O capitão português, de 39 anos, soma dois troféus pela seleção (Europeu e Liga das Nações), e depois junta-lhe cinco Ligas dos Campeões (uma pelo Manchester United e quatro pelo Real Madrid), quatro Mundiais de Clubes e duas Supertaças Europeias.

> Cristiano Ronaldo é o jogador dos dois países com mais troféus internacionais, num total de 13 repartidos entre seleção e clubes. Na França surgem N'Golo Kanté e Pavard, com cinco cada.

Do lado francês os futebolistas com mais troféus a nível internacional são N'Golo Kanté, 33 anos, e Pavard, 28, com um total de cinco. O primeiro foi Campeão Mundial em 2018, e depois tem mais quatro títulos internacionais a nível de clubes: um Mundial de Clubes, uma Supertaça Europeia, uma Liga dos Campeões (Chelsea) e uma Liga Europa. Curiosamente, tal como Ronaldo, atualmente joga na Arábia Saudita, no Al-Ittihad, clube rival do Al Nassr, do capitão português. O segundo tem um Mundial de Clubes, uma Liga das Nações, uma Supertaça Europeia e uma Liga dos Campeões.

Uma referência ainda para Pepe, que aos 41 anos continua titular indiscutível da seleção portuguesa, e que na contabilidade é o segundo jogador com mais troféus internacionais no currículo, num total de nove – além do Euro2016 e da Liga das Nações de 2019, venceu com a camisola do Real Madrid três Ligas dos Campeões, três Mundiais de Clubes e uma Supertaça Europeia.

PSG é o clube mais representado

Outro pormenor curioso em torno do Portugal-França de amanhã é a quantidade de jogadores do PSG presentes. São nada mais nada menos do que oito, um dado que certamente vai levar a que um dos espectadores presentes seja o presidente do milionário clube gaulês, o magnata Nasser Al-Ghanim Khelaïfi.

Vitinha, Nuno Mendes, Danilo e Gonçalo Ramos são os represen-

PORTUGAL

Rui Patrício – 1 Europeu, 1 Liga das Nações e 1 Liga Conferência.
Nélson Semedo – 1 Liga das Nações.
Rúben Dias – 1 Liga das Nações, 1 Mundial de Clubes, 1 Supertaça Europeia e 1 Liga dos Campeões.
João Cancelo – 1 Liga das Nações e 1 Liga dos Campeões.
Pepe – 1 Europeu, 1 Liga das Nações, 3 Mundiais de Clubes, 1 Supertaça Europeia e 3 Ligas dos Campeões.
Bernardo Silva – 1 Liga das Nações, 1 Mundial de Clubes e 1 Liga dos Campeões.
Rúben Neves – 1 Liga das Nações.
Bruno Fernandes – 1 Liga das Nações.
Danilo – 1 Europeu e 1 Liga das Nações.
Matheus Nunes – 1 Mundial de Clubes.
Ronaldo – 1 Europeu, 1 Liga das Nações, 5 Ligas dos Campeões, 4 Mundiais de Clubes e 2 Supertaças Europeias.
João Félix – 1 Liga das Nações.
Diogo Jota – 1 Liga das Nações.

13 Jogadores

42 Títulos

FRANCK FIFE / POOL / AFP

Ronaldo ganhou um Europeu (2016), N'Golo Kanté um Mundial (2018). Curiosamente hoje jogam ambos na Arábia Saudita.

FRANÇA

Aréola – 1 Liga Conferência.
Pavard – 1 Mundial, 1 Mundial de Clubes, 1 Liga das Nações, 1 Supertaça Europeia e 1 Liga dos Campeões.
Upamecano – 1 Liga das Nações.
Theo Hernández – 1 Mundial de Clubes, 1 Supertaça Europeia, 1 Liga dos Campeões e 1 Liga das Nações.
Mendy – 1 Supertaça Europeia e 2 Liga dos Campeões.
Koundé – 1 Liga Europa e 1 Liga das Nações.
Camavinga – 2 Ligas dos Campeões, 1 Mundial de Clubes e 1 Supertaça Europeia.
N'Golo Kanté – 1 Mundial, 1 Mundial de Clubes, 1 Supertaça Europeia, 1 Liga dos Campeões e 1 Liga Europa.
Aurélien Tchouaméni – 1 Mundial de Clubes, 1 Supertaça Europeia, 1 Liga dos Campeões e 1 Liga das Nações.
Rabiot – 1 Liga das Nações.
Griezmann – 1 Mundial, 1 Supertaça Europeia, 1 Liga das Nações e 1 Liga Europa.
Mbappé – 1 Mundial e 1 Liga das Nações.
Coman – 1 Mundial de Clubes e 1 Liga dos Campeões.
Giroud – 1 Mundial, 1 Liga Europa e 1 Liga dos Campeões.
Dembelé – 1 Mundial.

15 Jogadores

42 Títulos

tantes português do PSG; do lado francês estarão Ousmane Dembélé, Bradley Barcola, Warren Zaïre-Emery e Randal Kolo Muani.

Mas há mais cruzamentos entre jogadores da mesma equipa. O avançado Rafael Leão, do AC Milan, por exemplo, vai reencontrar Maignan, Théo Hernández e também Olivier Giroud (este último, entretanto, assinou por um clube norte-americano. Já João Cancelo e João Félix terão oportunidade de se cruzar com Koundé, também jogador do Barcelona, e Jota vai certamente cumprimentar Konaté, seu colega de equipa no Liverpool.

A França é sempre um adversário complicado para Portugal, que ao longo da história apenas bateu os gauleses seis vezes em 28 jogos realizados (duas nos últimos 50 anos), cinco delas em partidas de caráter particular. A única vitória oficial foi a 10 de julho de 2016 e, mesmo assim, só obtida no prolongamento com o fabuloso remate de Éder, que proporcionou a maior vitória internacional à seleção portuguesa.

A última vez que a equipa das quinas defrontou os *bleus* foi na fase de grupos do último Campeonato da Europa de 2020 (jogado em 2021), em Budapeste, registando-se, no final, um empate a dois, com a curiosidade de os dois golos lusos terem sido apontados por Cristiano Ronaldo... de grande penalidade.

nuno.fernandes@dn.pt

Nuno Mendes: "Ronaldo e Mbappé fazem a diferença de um momento para o outro"

SELEÇÃO O defesa-esquerdo garante estar "mais do que bem" preparado para o duelo de amanhã com os franceses.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Nuno Mendes diz que se "pode esperar tudo" da seleção francesa, mas garante que Portugal está preparado e motivado para vencer o jogo de amanhã, dos quartos-de-final do Euro2024, em Hamburgo. "Têm bons jogadores e que jogam nas melhores equipas da Europa, mas vamos estar preparados. Estamos mais focados em fazer o que temos de fazer e em melhorar o que não fizemos tão bem com a Eslovénia", afirmou o lateral, revelando que se dá bem com os cinco franceses que jogam com ele no PSG.

Segundo o defesa, a equipa das quinas ficou mais confiante depois da vitória sobre a Eslovénia, no desempate: "Não queríamos ir a penáltis, mas conseguimos ganhar o jogo. Estamos todos motivados. É um jogo grande, onde queremos dar muitas alegrias e vamos fazer de tudo para que isso aconteça."

Nuno Mendes assumiu estar "mais do que bem", após uma temporada em que teve vários problemas físicos no Paris Saint-Germain. Como tal sente-se pronto para parar Mbappé ou outro jogador que lhe apareça pela frente. "Acho que não será ele a jogar pelo meu lado, mas se acontecer estou preparado", garantiu, afiançando estar pronto para "anular os pontos fortes" da França.

E quando lhe pediram para comparar Cristiano Ronaldo e Kylian Mbappé, os capitães das duas seleções, Nuno Mendes respondeu diplomaticamente. "São jogadores de alto nível, excelentes, que podem fazer a diferença em qualquer momento. Partilhei balneário com ambos e foi um prazer ter jogado com o Mbappé e jogar com o Cristiano. São incríveis. De um momento para o outro fazem a diferença", disse, recusando escolher um deles: "É complicado. É melhor fazer essa pergunta a um treinador. Eu sou jogador. Se fosse treinador escolhia os dois."

E a propósito de treinadores, Nuno Mendes destacou o "espírito de equipa" promovido por Roberto Martínez, que transformou o grupo numa "grande família", como se viu no apoio a Cristiano Ronaldo, após falhar o penálti com a Eslovénia. "Foi um momento difícil para ele. Somos um grupo muito unido e isso foi o que nos deu mais força, tanto que o Diogo Costa fez três defesas incríveis. Foi um momento que não vamos esquecer, mas temos de dar continuidade. Ainda não acabou. Deu-nos mais força e foi por isso que conseguimos chegar à vitória", sublinhou.

Neste Europeu, Nuno Mendes e Rafael Leão têm formado uma ala esquerda "veloz e temível", como se pode ler na imprensa francesa, mas o defesa preferiu realçar o potencial do amigo, que já é "um dos melhores do mundo" na posição dele. "É um jogador muito possante, agressivo no um para um. É muito bom. Como é óbvio não é um jogador completo, tem de trabalhar muitas coisas, como vários de nós, mas tem muito potencial para chegar a alto nível. Aliás, já está a alto nível, mas acho que pode dar mais um passo", disse sobre o avançado do AC Milan.

Hoje, às 10.00 horas, a seleção nacional realiza o último treino antes do duelo com a França, viajando depois para Hamburgo, onde amanhã, numa partida arbitrada pelo inglês Michael Oliver, irá tentar chegar às meias-finais.

isaura.almeida@dn.pt

EPA / MIGUEL A. LOPES

Nuno Mendes promete dar ainda "mais alegrias" aos portugueses.

BREVES

João Palhinha certo no Bayern Munique

João Palhinha vai ser jogador do Bayern Munique. O internacional português, que está a representar a seleção nacional no Euro2024, vai assinar um contrato de quatro anos, com outro de opção. A transferência vai render cerca de 50 milhões de euros ao Fulham, sendo que o Sporting receberá 10% de uma mais-valia do clube inglês, o que se traduzirá num montante superior a três milhões de euros. Isto porque no verão de 2022, o médio foi vendido por 20 milhões de euros, aos quais se juntaram mais dois milhões por conta dos objetivos relacionados com o rendimento desportivo do português. Palhinha vê assim cumprido o desejo de se mudar para a Baviera, depois de a transferência para a Alemanha ter falhado no último dia do mercado de verão do ano passado, devido a um desacordo de verbas entre os clubes.

Trauma de 2016 valeu à França o Mundial2018

Guy Stéphan, adjunto de Didier Deschamps na seleção francesa, falou ontem sobre o estado de espírito da equipa gaulesa para o jogo de amanhã com Portugal e do reencontro com a equipa das quinas, depois da final perdida no Euro2016. E, a este respeito, fez uma declaração curiosa quando questionado sobre se essa derrota continua a ser um trauma. "Bem, já nos defrontámos depois desse jogo [três vezes, com dois empates e um triunfo]. O que vou dizer pode surpreender-vos, mas fazendo uma retrospetiva, essa lembrança não é nenhum trauma. Se não fosse esse jogo [final do Euro2016] não teríamos ganho o Mundial de 2018. Vencemos o Campeonato do Mundo, em parte, porque nos lembrámos do que não fizemos bem entre a meia-final e a final. Não é uma má lembrança, mesmo que tenhamos perdido naquele dia", referiu Guy Stéphan.

UEFA investiga Demiral

A UEFA abriu um inquérito ao “potencial comportamento impróprio” do turco Demiral nos festejos de um dos golos à Áustria (2-1), nos oitavos-de-final. O jogador comemorou com os braços levantados e a ilustrar com as mãos um lobo, em referência aos *Lobos Cinzentos*, grupo turco ligado à extrema-direita.

Croácia é a seleção mais multada do Europeu

A Croácia é, de longe, a seleção que mais multas pagou no Euro2024, num total de 220 875 euros. A maior parte das punições da UEFA relaciona-se com o comportamento dos adeptos, sendo que o segundo lugar deste *ranking* é ocupado pela Itália, com 30 mil euros, fechando o pódio a Alemanha com um total de 23 375 euros. Refira-se que Portugal pagou até agora 5250 euros, estando na cauda da tabela, à frente de França, Eslováquia e Espanha, que não foram multadas.

Lehmann e Del Bosque aquecem Espanha-Alemanha

QUARTOS O antigo guarda-redes alemão diz que Espanha é “uma equipa pequena e inexperiente”. Ex-selecionador espanhol vê *la roja* favorita e não tem dúvidas de que vai vencer o jogo de amanhã em Estugarda.

TEXTO **DAVID PEREIRA**

Toni Kroos procurou desvalorizar as polémicas antes do jogo dos quartos-de-final.

ALBERTO ESTEVEZ / EPA

Está cada vez mais quente o ambiente que antecede o Espanha-Alemanha de amanhã (17.00 horas) em Estugarda, a contar para os quartos-de-final do Euro2024. Tudo começou com o antigo guarda-redes internacional alemão Jens Lehmann, que disse na Welt TV que “Espanha é uma equipa pequena e inexperiente”. “Em termos de qualidade, é melhor que a Alemanha, mas é muito baixa e tem pouca experiência internacional”, considerou o antigo jogador de 54 anos e que, em 2008, estava na baliza alemã na final do Campeonato da Europa, perdida precisamente para *la roja*.

A resposta não tardou e surgiu pela voz do antigo selecionador e atual presidente da comissão que tutela a Real Federação Espanhola de Futebol, Vicente del Bosque, que incendiou ainda mais os ânimos. “Somos favoritos, não tenho dúvidas de que vamos ganhar. Jogamos mais rápido e com mais ritmo do que a Alemanha. Estou firmemente convencido de que vamos passar. Não quero ser desrespeitoso e também temos de ser humildes, mas no geral vejo a Espanha melhor em muitos aspetos, mesmo que a Alemanha esteja a jogar bem no ataque, especialmente com Musiala”, afirmou o treinador Campeão Mundial em 2010 e Campeão Europeu em 2012, em entrevista ao jornal alemão *Bild*.

Coube a Toni Kroos, médio da seleção da Alemanha que até há poucos dias era jogador do Real Madrid, colocar alguma água na fervura, ao desvalorizar as palavras de Lehmann e ao frisar que aquilo que o antigo guarda-redes disse “não é verdade”. “Não nos representa, é alguém que tem sempre uma opinião diferente dos outros”, vincou.

Já os jogadores espanhóis prometem responder em campo. “É uma opinião respeitável, mas não partilhada por nós. Não nos influencia, estamos tranquilos. Podemos vencer qualquer um. Dizem isso agora, mas há três semanas ninguém dizia nada. Não vamos relaxar, estamos a tentar preparar o jogo da melhor forma”, ripostou o avançado Mikel Oyarzabal.

“É a opinião dele, o que posso dizer? É alemão. Tenta desestabilizar-nos um pouco. Não ouvimos ninguém, vamos demonstrar o que somos. Mais do que ajudar a Alemanha, ajuda-nos a nós. Vamos ver se somos pequenos e inocentes”, vaticinou o jovem extremo Lamine Yamal.

david.pereira@dn.pt

CALENDÁRIO E CLASSIFICAÇÕES

TODOS OS JOGOS TÊM TRANSMISSÃO NA SPORTTV

SL BENFICA

Andreas Schjeldrup regressa de empréstimo para tentar afirmar-se de águia ao peito.

Benfica arranca com jovens à conquista de um lugar

PRÉ-TEMPORADA Ainda sem os internacionais, Roger Schmidt abriu as portas à juventude, sendo que quatro deles voltaram de empréstimo.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

O Benfica iniciou ontem os trabalhos para a época 2024/25 com oito jovens oriundos das camadas jovens, além de quatro atletas que regressam após um ano de empréstimo. Estes 12 futebolistas iniciam assim o trabalho com o objetivo de garantir um lugar no plantel, sendo que para isso precisam de convencer o treinador Roger Schmidt. O técnico alemão inicia a terceira época ao serviço dos encarnados com a certeza de que terá de retificar a última época que terminou sem títulos.

Com a saída confirmada de Rafa Silva, que já assinou contrato com o Besiktas, o Benfica ainda não sabe se contará com Ángel Di María, que continua com futuro indefinido. Certas são as contratações do médio luxemburguês Leandro Barreiro e do avançado grego Vangelis Pavlidis, que já marcaram presença no primeiro dia de trabalhos da nova época. No entanto, Schmidt ainda espera a chegada de mais reforços, sobretudo um defesa-direito e um defesa-esquerdo para suprir as lacunas identificadas pelo técnico e pelo presidente Rui Costa no final da época passada.

Entre os 29 futebolistas que estiveram no arranque dos trabalhos no Seixal destaque ainda para os regressos de empréstimo de Andreas Schjelderup (Nordsjelland), Paulo Bernardo (Celtic), Martim Neto (Gil Vicente) e Henrique Araújo (Famalicão), que se juntam aos jovens Diogo Ferreira e Arnas Voitinovicius (guarda-redes); Diogo Spencer, Adrian Bajrami, Tiago Parente e Leandro Santos (defesas), João Rego (médio) e Pedro Santos (avançado).

Entre os ausentes e ainda sem data revelada para se apresentarem estão Trubin e Alexander Bah, que cumprem um período de férias depois de terem terminado a participação no Euro 2024, bem como Otamendi, António Silva, João Neves e Orkun Kökçü, que ainda se encontram ao serviço das respetivas seleções: o argentino na Copa América e os outros no Campeonato da Europa.

> Os reforços Pavlidis e Leandro Barreiro fazem hoje o primeiro treino com bola às ordens de Schmidt, que ainda espera a chegada de dois defesas laterais.

Depois de ontem, se terem cumprido os habituais exames médicos e testes físicos, os encarnados cumprem hoje, no Benfica Campus, o segundo dia de trabalhos, com o primeiro treino com bola da temporada, sob as ordens de Roger Schmidt e da sua equipa técnica, que conta com uma novidade, o antigo defesa Ricardo Rocha, que foi contratado para ocupar a vaga deixada em aberto pelo espanhol Javi García, que deixou a Luz para prosseguir a sua formação de treinador.

Particular com o Fulham

O Benfica anunciou ontem mais um jogo particular para esta pré-temporada, agendado para o dia 2 de agosto, no Estádio do Algarve, frente ao Fulham. Este será, por certo, o último jogo desta fase de preparação, que começam com dois jogos em Águeda com o Farense (12 de julho) e Celta de Vigo (13), seguindo-se depois as receções aos ingleses do Brentford (dia 25) e aos neerlandeses do Feyenoord (28) a contar para a 12.ª edição da Eusébio Cup.

carlos.nogueira@dn.pt

Cavendish bate recorde do lendário Eddie Merkx com 35.ª vitória na Volta a França

CICLISMO Aos 39 anos, o britânico venceu a quinta tirada do *Tour* 2024, superando uma marca que durava há 49 anos. João Almeida continua em oitavo da geral.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

Mark Cavendish tornou-se ontem o recordista de vitórias em etapas da Volta a França, deixando para trás o lendário ciclista belga Eddy Merckx, ao somar o 35.º triunfo, na quinta tirada da 111.ª edição.

Após ter adiado a reforma no final da época passada, o ciclista britânico, de 39 anos, viu recompensado o seu espírito de sacrifício, isto depois de na primeira etapa ter sofrido para chegar dentro do controlo à meta, para agora bater um recorde que durava há 49 anos.

O corredor da Astana contrariou todas as probabilidades, impondo-se ao melhor *sprinter* do pelotão, o belga Jasper Philipsen, 13 anos mais novo, para reescrever a história de *La Grande Boucle*. Considerado o melhor *sprinter* da história, o ciclista nascido na Ilha de Man chegou mesmo a anunciar que 2023 seria a sua última temporada, tendo desistido da Volta a França quando tentava a 35.ª vitória, na sequência de uma queda logo na 8.ª etapa, em que fraturou a clavícula. Só que a sua ambição e o apoio que teve fizeram Cavendish adiar a reforma, apenas para cumprir o sonho de se isolar como recordista de etapas ganhas no *Tour*.

A primeira vitória na Volta a França foi há 16 anos em Châteauroux, mais concretamente a 9 de julho de 2008, quando bateu em cima da linha da meta os já retirados Oscar Freire e Erik Zabel. Na segunda participação, Cavendish conquistou quatro etapas, um número que haveria de superar no ano seguinte.

Entre as seis vitórias de 2009, destaca-se a primeira de quatro consecutivas na chegada aos Campos Elísios – foi o primeiro e único ciclista a fazê-lo. Entre 2017 e 2020, o ciclista britânico teve quatro edições do *Tour* para esquecer, o que mantinha o recorde de Merckx, que perdurava desde 1975, intocável. Só que em 2021, a ideia de que o fim desta marca seria uma questão de tempo renascia e até o próprio antigo campeão belga parecia torcer para que tal acontecesse: "Seria bom que batesse o recorde, tendo em conta tudo o que passou nestes anos difíceis. Merece-o, é um grande campeão."

Atualmente com 79 anos, Merckx irá, contudo, manter durante mais alguns anos o registo de vitórias em etapas de grandes Voltas, com 64, mais nove que Cavendish (tem 17 no *Giro* e três na *Vuelta*, além das 35 no *Tour*), que ocupa o 3.º lugar deste *ranking* atrás o italiano Mario Cipollini (57, 42 das quais no *Giro*).

Na tirada de ontem, de 177,4 quilómetros entre Saint-Jean-de-Maurienne e Saint-Vulbas, Cavendish superiorizou-se ao belga Jasper Philipsen (Alpecin-Deceuninck) e ao norueguês Alexander Kristoff (Uno-X), tendo João Almeida terminado no 87.º, com o mesmo tempo do vencedor, mantendo-se no 8.º lugar da geral, a 1.32 minutos do camisola amarela, o seu companheiro de equipa Tadej Pogacar.

Com LUSA

EPA / GUILLAUME HORCAJUELO

Mark Cavendish bate recorde do lendário Eddie Merkx.

Kevin Costner, herdeiro do "western" clássico.

O "western" ainda é o que era

EPOPEIA Mais de três décadas depois de *Danças com Lobos*, Kevin Costner assina um "western" grandioso apostado em devolver algum realismo às memórias contraditórias da expansão para Oeste — o primeiro capítulo de *Horizon: Uma Saga Americana* chega hoje às salas de cinema.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Pois Kevin Costner está de volta com um "western" intitulado *Horizon*. A raridade da proposta conduz-nos a uma pergunta nostálgica: afinal, que é feito do "western"? É verdade que não desapareceu, mas não será menos verdade que os atuais herdeiros dos clássicos, mesmo quando criam filmes que nos seduzem, parecem empenhados em encarar o "western" como um género que "falhou" na sua relação com a complexidade da história dos EUA – observem-se as propostas de *O Assassínio de Jesse James pelo Cobarde Robert Ford* (2007), uma espécie de panfleto anti-mitológico assinado por Andrew Dominik, ou *O Atalho* (2010), em que a realizadora Kelly Reichardt nos garante que há também um feminismo do velho Oeste.

Ora, mesmo não menosprezando as singularidades de tais propostas – a que poderíamos acrescentar, por exemplo, o vibrante *The Revenant: O Renascido* (2015), de Alejandro González Iñárritu –, importa começar por dizer que o magnífico filme de Costner nasce de pressupostos bem diferentes. Em termos simples, diremos que *Horizon* mantém uma relação direta com o património clássico do "western", mais concretamente com a vocação épica das suas narrativas.

Se procuramos aqui as raízes desse classicismo mais depurado, apostado em lidar com os contrastes e contradições da expansão para Oeste, talvez seja inevitável citar a herança tutelar de John Ford (1894-1973), em particular a fase final da sua filmografia e o emblemático *O Grande Combate* (1964). Sem esquecer *A Conquista do Oeste* (1962), uma saga com realização tripartida (Ford, Henry Hathaway e George Marshall) — aliás, convém acrescentar que o título integral do filme de Costner é *Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo I*.

Memórias realistas

Lembramo-nos, claro, de *Danças com Lobos* que Costner protagonizou e dirigiu com invulgar sucesso: foi um dos títulos mais vistos em 1990, acabando por arrebatar sete Óscares, incluindo o de melhor filme do ano. A ideia base de Horizon – revisitar a história da expansão para Oeste privilegiando, não a mitologia dos heróis, mas as memórias realistas – nasceu antes, em 1988, tendo ficado em suspenso até Costner garantir o controle total do projeto, a começar pela sua divisão em capítulos.

Serão quatro capítulos: o primeiro (revelado em maio, no Festival de Cannes) chega agora às salas de todo o mundo; o segundo está pronto e terá também a sua estreia no verão (22 de agosto em Portugal); a rodagem do terceiro iniciou-se em maio e, tal como o capítulo final, ainda não tem data de lançamento. Alguns analistas americanos têm considerado que Costner tenta consumar, assim, uma verdadeira quadratura do círculo: "reproduzir" no cinema o modelo de episódios que tem proliferado nas plataformas de streaming. O paralelismo é, talvez, inevitável, até porque a recente série *Yellowstone* (SkyShowtime) terá servido de "apresentação" de Costner a alguns espetadores mais distraídos…

Seja como for, seria distração ainda maior não sublinhar aquilo que determina a opção cinematográfica de *Horizon*, tanto mais significativa quanto estamos, realmente, perante uma verdadeira obra "na primeira pessoa". Além de coautor do argumento, Costner surge como produtor, realizador e intérprete da personagem de Hayes Ellison, figura que lhe assenta como uma luva: um negociante de cavalos cujo caráter se define a partir de um misto de cansaço e desencanto, procurando superar a problemática herança das situações de violência física e emocional que já viveu.

A questão da terra

Costner tem, assim, a seu cargo uma das figuras dominantes deste primeiro capítulo, a par da sempre brilhante Siena Miller, interpretando uma sobrevivente de um ataque perpetrado por índios Apache, ou Danny Huston, no papel de um coronel do exército que surge como uma ambígua consciência moral da caminhada para Oeste e também das sequelas políticas e morais da Guerra Civil.

De acordo com o título, estamos perante uma "saga" e um filme em "capítulos", mas a palavra decisiva será "Horizon". Nela pressentimos o apelo mitológico da terra que se estende para lá do horizonte, materializando uma utopia geográfica, ética e civilizacional metodicamente decomposta pelas muitas convulsões históricas, a começar pela brutal ocupação de terras ancestrais de várias tribos índias. O certo é que, nesta história, antes mesmo de qualquer ressonância transcendental, Horizon designa um espaço ocupado por pioneiros, dir-se-ia uma cidade utópica, cujo enraizamento está longe de poder ser linear e pacífico.

Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo I assume-se, por isso, como um filme que repõe a questão da terra no centro da dramaturgia do Oeste. É esse o sinal mais direto, e também mais decisivo, do realismo que Costner procura reencontrar – as suas nuances refletem-se no elaborado trabalho de caracterização, guarda-roupa e cenografia. Nesta perspetiva, as deslumbrantes paisagens de San Pedro Valley, próximo da fronteira com o México, estendendo-se pelo território do Arizona, estão longe de qualquer função banalmente decorativa: são elementos vivos de uma história a ser repensada.

O mapa das estrelas

	JOÃO LOPES	RUI PEDRO TENDINHA	INÊS N. LOURENÇO
HORIZON: UMA SAGA AMERICANA - CAPÍTULO I	★★★★	★★★	★★★
HISTÓRIAS DE BONDADE	★	★★★★	★
CAÇA POLÍCIAS: AXEL FOLEY	★	★★	★★
DO FUNDO DO CORAÇÃO	★★★★★	★★★★★	★★★★★
A DOCE COSTA LESTE	★★★	★★★	★★
A BESTA	★★★★	★★	★★★★
À MESA DA UNIDADE POPULAR	★★★	★★★	
GRU - O MAL DISPOSTO 4			★★
THE BIKERIDERS		★★★★	★★★
SOMA DAS PARTES	★★★	★★★	★★

● Mau ★ Medíocre ★★ Com interesse ★★★ Bom ★★★★ Muito bom ★★★★★ Excecional

Neste filme encontramos um Lanthimos a ir contra a maré do chamado cinema da moda...

Era uma vez Emma Stone x 4

COMÉDIA Há um humor violento e buñueliano no novo Yorgos Lanthimos, *Histórias de Bondade*, três médias-metragens com obsessões sexuais e taras absurdas. Jesse Plemons brilha e Emma Stone tem 4 personagens suculentas.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

Um pouco de Buñuel, por favor! É uma das pistas para se entrar neste universo surrealista e de maldade do grego Yorgos Lanthimos. *Kinds of Kindness* foi um dos filmes que criou divisão no Festival de Cannes. E percebe-se: não é um novo *Pobres Criaturas*, a obra que deu ao cineasta o Leão de Ouro de Veneza. Aliás, é até um ato de revolta perante a anterior proposta, uma espécie de lado B dessa fantasia, mais cruel, mais incómodo. Uma experiência de zona de desconforto narrativo, pronta a incomodar (e a surpreender) quem tinha entrado com sorrisos no conto de Frankenstein feminino que agradou ao *mainstream* (com Óscar para Emma Stone, inclusive). Curiosamente, convém lembrar, esta produção foi filmada de seguida, em regime de bónus para a Disney (agora percebe-se que talvez tenha sido uma contrapartida para o cineasta, coisas do sistema de estúdio americano…).

E são três histórias, três filmes. No primeiro a tragédia de um homem que em Los Angeles tenta assegurar o controlo da sua vida, mesmo quando percebe que é manipulado pelo seu patrão e amante. Depois, o estranho caso de uma mulher que regressa a casa após ter desaparecido e o seu marido não a reconhece. No último conto, um homem e uma mulher tentam encontrar alguém com um dom sobrenatural que pode vir a ser um líder espiritual de uma estranha seita sexual. Aliás, na estranheza está o alimento de uma crónica cínica e com um divertido niilismo social.

Nasce uma visão de dois gregos (no argumento está também o nome de Efthimis Filippou) de uma América sem sentido e de particular requinte de loucura, cujas criaturas perdem-se na ditadura do desejo.

A ideia de Lanthimos é descartar pontos de lógica e criar um ambiente negro de humor grotesco, com muita violência e a perversão mais sexual que a Disney, através da Seachlight, podia encomendar... Sem medos, é um cineasta que em pleno palco de Hollywood assume uma coragem de agitar na construção da perversão sexual. Este *Histórias de Bondade*, se fosse falado em grego, era logo comparado ao genial Canino, o seu primeiro filme.

Este desconcertante festival de bizarria já está lançado para a temporada dos prémios, em especial depois do justíssimo prémio de melhor ator para Jesse Plemons em Cannes. É nesta altura um dos atores americanos mais excitantes, alguém capaz de misturar perigo e ternura de forma burlesca. Trata-se do primeiro candidato evidente a poder vir a ser nomeado para melhor interpretação nos Óscares de 2025. Mas também é impossível não ficar abalado pelo prazer de Emma Stone nestas suas quatro mulheres em três histórias. Um prazer que passa pela liberdade com o que o seu corpo se entrega à demência aqui proposta. A atriz duplamente oscarizada é realmente uma parceira no crime com Lanthimos – os dois estão neste momento a preparar Bugonia, também com o inevitável Jesse Plemons…

Eddie Murphy e o charme indiscreto de Axel Foley.

Eddie Murphy ainda se safa em Beverly Hills

AÇÃO O quarto filme da série que ajudou a cimentar o nome do ator na década de 80 já chegou à Netflix. Com moderada nostalgia, *O Caça Polícias: Axel Foley* alcança diversão modesta com um orçamento mais vistoso – o que importa é dar umas voltas nas ruas de Los Angeles.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Foram 30 anos de espera, nem mais nem menos. Originalmente pensado como uma produção que se seguiria de imediato a *O Caça Polícias III* (1994) – ou seja, ainda nos Anos 90 –, a sequela que acaba de se estrear na Netflix, depois de sucessivas propostas de guião que desagradaram a Eddie Murphy, é a versão possível de um regresso ao lugar onde muitos espectadores foram felizes. Segundo Murphy, tudo o que lhe tinha chegado às mãos, até há pouco tempo, eram repetições da história: o seu Axel Foley, carismático detetive da polícia de Detroit, voltaria a Beverly Hills para uma nova missão... vira o disco e toca o mesmo. O que mudou? Certamente não a parte do retorno às ruas de Los Angeles, repletas de palmeiras e hotéis caros. Desta feita há, porém, um assunto de família: o motivo da deslocação do mais descontraído dos agentes é a sua filha, que está metida em sarilhos com gente perigosa.

Reunindo os principais nomes do elenco com que a aventura começou em 1984 (aí dirigidos por Martin Brest), *O Caça Polícias: Axel Foley*, quarto filme da série, surge então como uma promessa de memórias dos "bons velhos tempos" a piscar o olho aos novos tempos. O que significa que, enquanto Judge Reinhold e John Ashton (a dupla policial Billy Rosewood e John Taggart), entre outros, retomam os seus postos, com os pés para a reforma, expressões jovens como o detetive de Joseph Gordon-Levitt e a advogada de Taylour Paige (que interpreta a filha de Axel) empurram a ação para a frente – ou seria esse o contraste pretendido. Até aquela marca deliciosa de *Beverly Hills Cop* que é a sua banda sonora, apesar de despertar o ânimo certo assim que se ouvem as primeiras notas, acaba por ser aqui secundarizada por uma mistura de temas "modernaços".

Como sempre, o que está em jogo é menos a elaboração do argumento do que o prazer de assistir ao charmoso molde social de Foley/Murphy: a sua interação cómica com os brancos, a lábia com que se safa de qualquer situação, no fundo, as idiossincrasias que tornaram a personagem irresistível. Só que o brilho já não é o mesmo. Ao construir-se um esquema de ação que coloca no seu centro o drama familiar de Foley – ele, um pai ausente que está agora a tentar compensar o tempo perdido –, abandona-se um pouco a fibra da comédia subversiva que era a alma dos filmes dos eighties. Aí começa a perda de dinamite do novo *Caça Polícias*, que sucumbe a diálogos moles baseados numa escrita redonda e frouxa.

Seja como for, custa não dar a oportunidade a Eddie Murphy. Apesar de estar longe do estilo rápido e fresco com que nos arrancava uma gargalhada, há uma boa disposição naquele rosto que provoca o nervo da nostalgia; além de que ele ainda se aguenta nas sequências de ação destrambelhadas, como é seu apanágio. Há uma particularmente citável, que envolve Gordon-Levitt a conduzir desastradamente um helicóptero da polícia, com o nosso herói no banco ao lado...

Quanto à realização, a cargo do estreante Mark Molloy, não acrescenta muito, mas também não estraga. Basta que a simpatia de Murphy garanta um certo divertimento clássico.

MOODS – MOVIMENTO PELOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Jorge Moreira da Silva "Portugal está na cauda dos que apoiam os países mais pobres"

ENTREVISTA Diretor-executivo da UNOPS lamenta défice de solidariedade dos mais ricos na Agenda 2030.

TEXTO **RAFAEL BARBOSA**

Jorge Moreira da Silva, ex-deputado, ex-ministro do Ambiente, ex-candidato à liderança do PSD, é agora diretor-executivo da UNOPS, a agência da ONU responsável pela gestão e execução de projetos cujo foco é o desenvolvimento sustentável. Um organismo que está presente em 85 países, o que já o levou a Gaza, onde testemunhou uma "crise humanitária de enormes proporções" e, mais recentemente, a Cabo Delgado, no norte de Moçambique, uma região castigada pelas alterações climáticas e pelo terrorismo islâmico. O também subsecretário-geral das Nações Unidas será um dos oradores do *Diálogo de Sustentabilidade* marcado para amanhã, a partir das 14.30, na Casa das Artes, em Famalicão.

Esteve há poucos dias em Moçambique, concretamente na província de Cabo Delgado, cuja população tem sido castigada, tanto pelos efeitos das alterações climáticas, como pela violência do terrorismo islâmico. Qual foi a situação que encontrou no terreno?
A UNOPS, que é a agência da ONU para as operações, para as infraestruturas e para a gestão de projetos, tem uma presença muito significativa em Moçambique, em especial em Cabo Delgado [fronteira Norte]. Somos responsáveis pela concretização de uma série de projetos que totalizam cerca de 200 milhões de dólares, financiados pelo Banco Mundial e desenhados pelo Governo de Moçambique. Aquilo que percebi no terreno foi, por um lado, a enorme vulnerabilidade da população – estamos a falar de um milhão de pessoas que, perante o risco dos ataques terroristas, teve de fugir das suas casas – e, por outro, o impacto positivo dos projetos que estamos a executar para garantir acesso à saúde, à educação e ao emprego.

Que tipo de projetos e serviços são prestados pela UNOPS em Cabo Delgado?
Temos dois tipos de intervenção. Uma na área da construção de infraestruturas, com 134 projetos a concluir até ao final de 2025, em que se incluem 41 escolas, 24 centros de saúde, 17 mercados e sistemas de abastecimento de água. O segundo tipo de intervenção é a do apoio socioeconómico. Por exemplo, na área da saúde, da psicologia e da psiquiatria, o apoio a mais de 40 mil pessoas traumatizadas com o fenómeno da insegurança. Estamos a falar de crimes brutais, de uma população que viu coisas que nunca mais vai esquecer. Distribuímos 68 mil conjuntos na área da agricultura, fornecidos em cada época de sementeira. Vão ser entregues 70 barcos de pesca.

> *"Em Cabo Delgado, um milhão de pessoas fugiu, por causa do terrorismo."*

> *"É imprescindível um cessar-fogo humanitário em Gaza. A situação é dramática."*

Cabo Delgado está fora do radar do Mundo, mas há um outro conflito que nos entra todos os dias pela casa dentro, a guerra em Gaza. Esteve, há alguns meses, em Rafah [no Sul da Faixa]. Como descreve o que ali testemunhou?
A UNOPS trabalha em 85 países, com forte preponderância em contextos de conflito, de violência e de fragilidade. Estamos em Gaza há vários anos a fornecer combustível para a produção de eletricidade. Mais recentemente, o secretário-geral das Nações Unidas [António Guterres], atribuiu à UNOPS a responsabilidade pelo desenho e gestão de um mecanismo para acelerar a ajuda humanitária a Gaza. Estive na zona fronteiriça de Israel, no Egito e na Jordânia, para perceber quais os constrangimentos à chegada de ajuda, e dentro de Gaza, para perceber os constrangimentos na distribuição dessa ajuda.

O que foi feito entretanto para que a ajuda humanitária possa chegar à população?
A UNOPS colocou monitores e inspetores no terreno para tornar mais célere a ajuda humanitária. Desenvolvemos uma plataforma centralizada, para garantir que a ajuda é a que verdadeiramente faz falta, para tornar a operação mais eficiente e alinhada com as necessidades das pessoas. Mas, apesar de todos os esforços, há uma quase impossibilidade de distribuir ajuda em Gaza. Os bombardeamentos tornam a circulação impossível. Há funcionários das Nações Unidas que morreram, incluindo um colega da minha equipa da UNOPS.

Consegue vislumbrar uma solução para contornar esse quadro tão difícil?
É imprescindível um cessar-fogo humanitário, a libertação dos reféns, a garantia de que a ajuda consegue chegar àqueles que mais precisam. A situação é dramática: mais de 80% da população não tem acesso a água potável, a cólera está a alastrar, assim como doenças respiratórias e do sistema digestivo. Apenas 14 dos 36 hospitais de Gaza estão parcialmente em funcionamento. Mais de 80% de todas as casas, de todas as infraestruturas foram destruídas. Já morreram mais de 38 mil pessoas, metade são mulheres e crianças. Estamos perante uma crise humanitária de enormes proporções.

No que diz respeito ao conflito de Gaza, o discurso público é maniqueísta. Ou se está por Israel e com a democracia; ou se está pela Palestina e com os Direitos Humanos. Quem está contra os métodos israelitas é antissemita; quem está contra a resistência palestiniana é cúmplice de genocídio. E o Jorge Moreira da Silva, de que lado está?
Fico perplexo com esse maniqueísmo. A posição das Nações Unidas e a minha posição pessoal têm sido de equilíbrio. Criticar, nos termos mais enfáticos, o crime de terror do Hamas a 7 de outubro, matando mais de mil pessoas em Israel, com agressões sexuais, com manifestações de violência inaceitáveis. E, ao mesmo tempo, sublinhar a injustiça de uma punição coletiva. O Direito Internacional Humanitário está a ser violado. Em vez de uma lógica maniqueísta, de escolher um lado, precisamos de paz e de segurança. Israel tem direito à sua segurança, a Palestina tem direito a ser um Estado, os cidadãos têm direito a receber ajuda humanitária.

O mais recente Relatório sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) não é animador. Parece óbvio que o Mundo não vai conseguir cumprir a Agenda 2030.
Estamos no momento da verdade, perante uma situação de colapso ou de avanço. Muito do que será o futuro do desenvolvimento e do planeta está relacionado com a nossa capacidade de resgatar e acelerar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Mais do que ter uma posição nostálgica ou pessimista em relação à falta de concretização, temos de encontrar nesse relatório a inspiração e a motivação para acelerar. E isso deve ser visto como uma matéria de responsabilidade coletiva, dos cidadãos, das empresas, dos Estados, mas também numa lógica de oportunidade.

Mas, então, o que falta para conseguir avançar na execução dos objetivos da Agenda 2030?
Faltam três coisas. Desde logo o financiamento, que está muito aquém do necessário. Há uma lacuna anual de financiamento, só

LEONEL DE CASTRO / GLOBAL IMAGENS

"O desenvolvimento sustentável envolve escolhas políticas às vezes difíceis."

Prevenir conflitos compensa. Nas alterações climáticas é o mesmo."

nos países em desenvolvimento, de quatro biliões de dólares [4 000 000 000 000$]. Depois, uma segunda dimensão, a das políticas. Não basta dinheiro, é preciso reformas políticas. Os países têm de criar condições para que o investimento seja produtivo. E uma terceira dimensão, aquela em que a UNOPS mais se centra, a capacidade de concretização. Muitas vezes há dinheiro e até há políticas, mas falta capacidade para desenhar e concretizar projetos.

O único ODS já atingido por Portugal é o do combate à pobreza. Mas na ação climática está no vermelho, ou seja, no pior patamar de avaliação. Como acelerar as políticas de desenvolvimento sustentável no nosso país?

Para um país como Portugal, ou qualquer outro país da União Europeia, há duas dimensões essenciais. A primeira é que falar de desenvolvimento sustentável é positivo, mas temos de ir além da sensibilização. Essa está feita, a população está alinhada, as empresas também. Temos de passar para a concretização, o que envolve escolhas políticas às vezes difíceis. Este é um tema estruturante, porque não haverá paz, segurança, desenvolvimento e proteção das pessoas e do planeta se o desenvolvimento sustentável não for concretizado com políticas e financiamento.

E qual é a segunda dimensão essencial para um país como Portugal garantir maior celeridade na concretização das metas de desenvolvimento sustentável?

A da solidariedade. E não estamos em linha com a ambição necessária. Há dois caminhos possíveis, sendo que só um é aceitável. Um caminho é dizer "Eu, Portugal", ou "Eu, França", ou "Eu, Estados Unidos", vou concretizar o desenvolvimento sustentável em casa. Vou olhar para os 17 objetivos, desde a erradicação da pobreza, até à ação climática, a valorização dos oceanos, ou a proteção da biodiversidade, e vou concretizar em minha casa. O outro caminho é fazer em casa, mas também ajudar os outros. E só este caminho é válido. Como podemos pedir a países africanos que descarbonizem e reduzam as emissões de maneira a termos neutralidade carbónica em 2050, quando 700 milhões de pessoas no mundo não têm acesso a eletricidade? Como podemos pedir que invistam na economia verde e na economia azul se 2,2 mil milhões de pessoas no mundo não têm acesso a água segura, 3,5 mil milhões de pessoas não têm casa de banho, 800 milhões de pessoas estão em situação de pobreza extrema?

Ou seja, umas das razões para os atrasos na Agenda 2030 é a falta de solidariedade dos países desenvolvidos?

O défice de solidariedade, do meu ponto de vista, é o maior défice na Agenda 2030. Dou um exemplo em relação a Portugal: a ajuda pública ao desenvolvimento está na ordem dos 0,17% a 0,19% do PIB, quando a meta para os países da OCDE é de 0,7%. Só cinco países da OCDE cumprem essa meta. E Portugal é um dos países da OCDE que menos financiam os países em desenvolvimento. Estamos na cauda dos países que apoiam os países mais pobres. É um tema em que seria importante que os partidos, os políticos, as organizações se mobilizassem.

Falou na necessidade de fazer escolhas políticas difíceis. Tendo em conta o cenário atual na Europa, com a força eleitoral que vai ganhando a direita radical, um conjunto de partidos não valoriza as políticas ambientais, disponíveis até para desmantelar o Pacto Verde Europeu, partidos nacionalistas, virados para si próprios e para os seus, não fica em causa a capacidade de termos uma Europa e um mundo mais sustentáveis?

Esse é um tema central, porque o aqui e o agora não vão funcionar. Isto é, qualquer prática política ou ideológica que privilegie uma lógica apenas soberanista e nacional, do aqui, e qualquer lógica que privilegie apenas a atual geração, o agora, e não as próximas gerações, é inconsistente com a agenda de desenvolvimento sustentável, que precisa da cooperação entre povos e de solidariedade. Alguns protagonistas políticos, a nível internacional e a nível nacional, têm agendas populistas ou radicais e protecionistas que não são compatíveis com o desenvolvimento sustentável. Sabemos que aquilo que se investe em desenvolvimento e em prevenção de conflitos fica 16 vezes mais barato do que aquilo que gastamos em remediação, isto é, em ajuda humanitária e em apoio às consequências dos fluxos migratórios. Portanto, prevenir compensa. Nas alterações climáticas é o mesmo. É importante que estes tipos de argumentos sejam discutidos no espaço público. Não podemos deixar a população sem acesso a esta informação e depois, na prática, acabarem por ir atrás da solução mais fácil e mais populista.

rafael@jn.pt

CARTOON POR MIGUEL AGUIAR

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: **1.** Gostei muito. Cortar com serra ou serrote. **2.** Muito zangado (popular). Pano tornado impermeável por meio de óleo, verniz ou de outra substância análoga. **3.** Contrário à lei. Igualmente. **4.** Festa em que se assam castanhas. Altar. **5.** Érbio (símbolo químico). Base aérea portuguesa. Prefixo (negação). **6.** Missiva. Que não é o mesmo. **7.** Prefixo (afastamento). Época. Tântalo (símbolo químico). **8.** Ruído. Ataque repentino. **9.** Matéria corante azul de origem vegetal. Exercer função. **10.** Pequeno vaso cilíndrico geralmente de louça, com asa. Situação. **11.** Secura. Desdita.

Verticais: **1.** Semelhante. Peça de vestuário de cerimónia para homem. **2.** Fêmea do mu ou macho. Afiançar. **3.** Escolher por meio de votos. Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de pequenez. **4.** Manjar de origem búlgara que consiste em leite coalhado por meio de um fermento. Díodo emissor de luz. **5.** Elas. Altar. Comissão Europeia. **6.** Desagregado. Bastante. **7.** Artigo antigo. Prefixo (ouvido). Partícula apassivante. **8.** Soberano. Pessoa que administra uma autarquia. **9.** Enseada abrigada por terras altas. É possível (adv.). **10.** Ligar-se. Banheira. **11.** Relativo à antiga Roma. Discursar.

SUDOKU

4			1			2		
	9		8				7	6
7				4			1	
	6				8	3		
		2		7			8	9
1		3		6			5	
3				2	6			
	7		5				2	
8		4		1				3

SOLUÇÕES

4	5	6	1	9	7	2	3	8
2	9	1	8	3	5	4	7	6
7	3	8	6	4	2	9	1	5
9	6	7	2	5	8	3	4	1
5	4	2	3	7	1	6	8	9
1	8	3	9	6	4	7	5	2
3	1	5	4	2	6	8	9	7
6	7	9	5	8	3	1	2	4
8	2	4	7	1	9	5	6	3

Palavras Cruzadas

Horizontais:
1. Amei. Serrar. 2. Fulo. Oleado. 3. Ilegal. Idem. 4. Magusto. Ara. 5. Er. Ota. In. 6. Carta. Outro. 7. Ab. Era. Ta. 8. Som. Assalto. 9. Anil. Servir. 10. Caneca. Cena. 11. Aridez. Azar.

Verticais:
1. Afim. Casaca. 2. Mula. Abonar. 3. Eleger. Mini. 4. Iogurte. Led. 5. As. Ara. CE. 6. Solto. Assaz. 7. El. Oto. Se. 8. Rei. Autarca. 9. Rada. Talvez. 10. Aderir. Tina. 11. Romano. Orar.

O *Go*: um jogo a preto e branco

É uma arte antiga, originária da China e um jogo intelectual. Na perceção dos antigos chineses, as pedras pretas e brancas do *Go* simbolizam as transformações do *Yin* e *Yang* no universo, e daí o ditado filosófico muito popular na China: "A vida é como um jogo de *Go*".

Hoje em dia, cada vez mais entusiastas de *Go* gostam de jogar em cafés. Aqui, um americano jogava *Go* num café, em Xangai, em janeiro de 2024.

O tabuleiro quadrado do *Go* representa a terra, enquanto as pedras redondas simbolizam o céu. Isto é uma reflexão da antiga cosmologia chinesa: o céu é redondo e a Terra é quadrada.

O *Go* é uma arte antiga, originária da China e um jogo intelectual. Na perceção dos antigos chineses, as pedras pretas e brancas do *Go* simbolizam as transformações do *Yin* e *Yang* no universo, e daí o ditado filosófico muito popular na China: "A vida é como um jogo de *Go*".

Em maio de 2017, um jogo *Go* realizado em Wuzhen, na China, captou a atenção do mundo. No jogo, o programa de Inteligência Artificial AlphaGo da Google enfrentou Ke Jie, um dos melhores jogadores do mundo, e venceu-o por 3:0. Isto demonstrou os enormes avanços na área da Inteligência Artificial e também despertou um grande interesse das pessoas pelo *Go*, um jogo tradicional de estratégia chinesa.

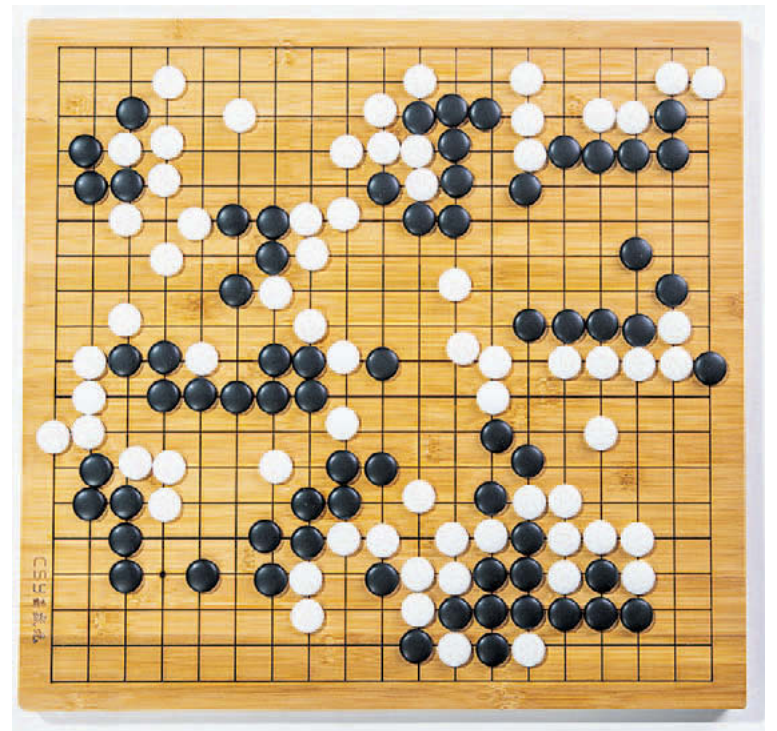
O *Go*, também conhecido por *Qi*, que teve origem na China há mais de 4000 anos, é uma das quatro artes tradicionais chinesas, a par de *qin* (instrumento de cordas), *shu* (caligrafia) e *hua* (pintura).

As regras do *Go* parecem intrincadas à primeira vista, mas são simples de entender. Dois jogadores alternam-se em rodadas, cujo objetivo é utilizar as pedras pretas ou brancas para cercarem o oponente: as pedras devem ser removidas do tabuleiro caso uma pedra (ou um grupo delas) for cercada por peças adversárias. Quando o jogo termina, o vencedor é determinado ao contar cada território cercado pelos jogadores, com as peças capturadas.

"Na montanha, dois monges estão a jogar o *Go*. No tabuleiro, a sombra das folhas estão a agitar-se suavemente. Não se pode ver os monges nos bambus, só se ouve o som de pedras, por vezes." Estes versos estes, do famoso poeta da Dinastia Tang Bai Juyi, são retirados do poema *À Beira da Lagoa* que descreve o ambiente serene durante o jogo *Go* num bosque de bambus, um estado ideal para os literatos chineses, refletindo a conduta e a cultura únicas do *Go*.

O jogo é conhecido também como a "comunicação pelas mãos", que significa que os movimentos das pedras no tabuleiro são a única forma de os jogadores comunicarem. Por outro lado, "observar o jogo em silêncio" é outra conduta básica, exigindo que os espetadores se mantenham sossegados, para não distraírem os jogadores.

Há ainda um princípio importante, que é "nunca se arrepender depois de mover a pedra". Trata-se de um respeito mútuo entre os jogadores.

O poema intitulado *El Go*, do escritor argentino Jorge Luis Borges, descreve-o como "um jogo astrológico". "É mais antigo do que a escrita mais antiga, e o tabuleiro é um mapa do universo. As suas variações em preto e branco esgotam o tempo."

Curiosamente, o escritor argentino nunca esteve na China, nem sabia jogar *Go*, mas o poema revela-o como um jogo de filosofia, repleto de símbolos do pensamento taoista. Por exemplo, o padrão do tabuleiro evoluiu a partir do antigo diagrama civilizacional *Hetu*, que simboliza o estado de caos antes da formação do Universo; as pedras redondas pretas e brancas representam a transformação mútua de *Yin* e *Yang*; as 19 linhas que cruzam o tabuleiro formam 361 interseções, simbolizando os 361 dias do calendário lunar; os nove pontos circulares são designados por "estrelas", e o ponto central é o "*Tianyuan*", representando o centro do Universo e a origem de todas as coisas na perspetiva taoista. Além disso, na perceção dos chineses antigos, o Go é uma integração dos elementos do céu, da Terra e os seres humanos, e as variações no jogo podem ser vistas como as mudanças do mundo.

O *Go* é muito popular nos países do Leste Asiático, como o Japão e a Coreia do Sul. Durante as dinastias Sui e Tang (581-907), o jogo foi introduzido na Península Coreana e depois no Japão. Durante este período, 19 grupos de estudantes japoneses foram enviados para a China e a aprendizagem do *Go* era parte importante das suas formações académicas.

Em 1582, o padre Matteo Ricci chegou a Macau. Foi ele quem documentou as regras e o método do *Go* e as transmitiu à Europa. Daí, as pessoas do continente europeu já conhecerem o *Go* no século XVII.

Na era moderna, o *Go* tornou-se uma atividade competitiva mundial. As competições profissionais mundiais começaram em 1988 e o *Go* foi oficialmente incluído nos Jogos Asiáticos em 2010 e 2023.

Se o *Go* for visto apenas como uma competição, é difícil para os seres humanos vencerem a IA no futuro. Mas não se esqueçam de que o *Go* é uma arte, um meio de cultivar a mente e o corpo, e uma interação emocional entre as pessoas. Ao jogar *Go*, as pessoas podem divertir-se, enriquecer a experiência de vida, até conhecer a cultura chinesa e a sua visão sobre o universo e a vida.

A Inteligência Artificial já é um assistente importante para os jogadores de *Go* treinarem. Em junho de 2023, uma empresa de IA de Xangai lançou a primeira versão doméstica de um robô Go.

INICIATIVA DO MACAO DAILY NEWS

PUBLICIDADE

emprego

AVISO

PROCEDIMENTO DE RECRUTAMENTO

Áreas de atividade: **COMUNICAÇÃO E MULTIMÉDIA, GESTÃO DA QUALIDADE, PEOPLE AND TALENT E BIBLIOTECA E SERVIÇOS DOCUMENTAIS DA NOVA IMS.**

Os/as interessados/as deverão consultar o edital constante no *website* da NOVA IMS.

Lisboa, 3 de julho de 2024

O Administrador Executivo
Pedro Garcia Bernardino

ANÚNCIO (EXTRATO)

Vem por este meio o Centro de Neurociências e Biologia Celular, ao abrigo do Decreto n.º 57/2016, de 29 de agosto, alterado pela lei 57/2017, de 19 de julho, tornar pública a abertura de concurso para uma posição para **investigador doutorado (m/f), equiparado à categoria de investigador júnior, para a(s) área(s) de Biomedicina e Biotecnologia, vertente de Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação**.

Referência do concurso: CNC-JR UIDP 01/2024

Prazo de candidatura: até ao dia 25/07/2024

Local de trabalho: Centro de Neurociências e Biologia Celular, Polo I – Universidade de Coimbra

A remuneração mensal a atribuir é de **2294,95 euros ilíquidos**, correspondente ao **nível 33** da Tabela remuneratória única aprovada pela Portaria n.º 1553--C/2008, 31 de dezembro, na sua redação atual.

As demais condições contratuais podem ser consultadas em:

https://cnc.uc.pt/en/job-opportunities

https://euraxess.ec.europa.eu/jobs/251691

avisos, tribunais e conservatórias

Freguesia de Pavia

Edital 2024/08

Custódia Maria Casanova, Presidente da Junta de Freguesia de Pavia, torna público, dando cumprimento com o disposto na alínea f) do n.º 1 do artigo 18.º da lei 75/2013, de 12 de setembro, na sua atual redação, e em conformidade com artigo 11.º do presente regulamento dos cemitérios de Pavia e Malarranha, que em reunião ordinária da Junta de Freguesia de Pavia, do dia 19 de junho, por terem passado 6 anos após a data da inumação, deliberou por unanimidade o executivo desta Junta de Freguesia proceder à exumação das ossadas dos covais do Cemitério de Pavia a seguir mencionados:

CEMITÉRIO DE PAVIA		
Tipo	**Talhão**	**N.º**
Covato	2	12; 24; 31; 49; 50; 87 e 89
Covato	3	11 e 59
Covato	4	61
Covato	5	227

Avisa-se, então, os interessados que no prazo de trinta dias contatos a partir da data da publicação deste edital, devem os mesmos requerer/informar os serviços administrativos da Junta de Freguesia, presencialmente ou através do *e-mail*: **geralfreguesiapavia@jf-pavia.pt**, o destino a dar às respetivas ossadas. Decorrido o prazo, a Junta de Freguesia procederá ao levantamento das mesmas assim que for conveniente para o serviço.

Para constar e para os devidos efeitos, publica-se o presente edital e outros de igual teor, que vão ser fixados nos lugares públicos habituais, no *website*: **www.jf-pavia.pt** e ainda em jornal nacional.

Pavia, 2 de julho de 2024

A Presidente da Junta de Freguesia de Pavia

(Custódia Maria Casanova)

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DO OESTE, E.P.E.

AVISO

A Unidade Local de Saúde do Oeste, E.P.E., torna público, conforme Aviso publicado na sua página eletrónica no dia 04-07-2024, que se encontra aberto, pelo prazo de 10 dias úteis, **procedimento concursal para constituição de bolsa de reserva de recrutamento de Assistentes Operacionais com funções de Motorista, para celebração de contrato nos termos do Código do Trabalho**.

A Presidente do Conselho de Administração
Elsa Baião

A EUROPACOLON PORTUGAL

ASSOCIAÇÃO DE LUTA CONTRA O CANCRO DO INTESTINO

INFORMA

Que angariou o valor de 37.487,05 euros no seu Peditório Público Anual, que ocorreu nos dias 5, 6 e 7 de abril de 2024.
Um bem-haja a todos os que participaram nesta iniciativa.

Comunicado

Nó de Famalicão (A3)

Durante os meses de julho de 2024 a janeiro de 2025

A Brisa Concessão Rodoviária (BCR) informa que irá iniciar obras de reformulação no Nó de Famalicão, cerca do km 25+735, no sublanço Santo Tirso – Famalicão, da A3 – Autoestrada Porto/Valença, pelo que irão existir constrangimentos, por meio de desvios de tráfego devidamente assinalados, implementação de cortes de via e/ou basculamentos de tráfego.

A duração dos trabalhos ocorrerá em seis meses.

A Brisa agradece antecipadamente a compreensão e colaboração dos automobilistas e espera contribuir para reduzir eventuais inconvenientes decorrentes desta operação, estando certa de que os possíveis incómodos serão largamente compensados pelo nível de qualidade, segurança e conforto que resultam de uma autoestrada melhor adaptada às necessidades de quem a utiliza.

Para informação de trânsito atualizada poderá consultar o site **www.brisaconcessao.pt**.

FOTOS: GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

O espaço foi remodelado pelos arquitetos Eduardo Souto de Moura e Nuno Graça Moura.

Cerveja Browers e gastronomia portuguesa combinadas no novo espaço no Beato Innovation District

RESTAURAÇÃO A primeira microcervejeira da nova marca da Super Bock vai abrir as portas ao público em outubro com gastronomia portuguesa com a consultoria do *chef* Luís Gaspar.

TEXTO **MARIANA DE MELO GONÇALVES**

A antiga Central Elétrica da Manutenção Militar de Lisboa, situada no Beato Innovation District, transformou-se na primeira cervejaria da Browers, pequena marca propriedade do grupo Super Bock. O espaço vai abrir ao público no mês de outubro.

Ao entrar, é possível ver as máquinas de uma microprodução de cerveja e a parte de restauração com um vasto balcão de metal, sendo um dos mais compridos de Portugal.

A empresa The Browers Company é um *spin-off* daquele grande grupo cervejeiro português, que investiu mais de 3,5 milhões de euros neste projeto. "Estamos a acrescentar algo novo que é, de uma forma colaborativa, com muita abertura de portas. Trazemos aqui um conceito novo à cidade e à atividade cervejeira", diz Tiago Brandão, diretor-geral da Browers Company, durante a visita dos jornalistas ao novo espaço.

A escolha da antiga Central Elétrica da Manutenção Militar de Lisboa para o local da cervejeira foi um desafio lançado pela Startup Lisboa à marca. O Beato Innovation District é um espaço com 18 edifícios que pretende criar um grande centro de inovação na cidade de Lisboa.

"Este projeto fazia todo o sentido ser neste local. Era preciso ter um espaço que pudesse atrair pessoas através da restauração e permitisse a realização de eventos", afirmou o diretor executivo da Unicorn Factory Lisboa, Gil Azevedo.

A remodelação do espaço esteve a cargo dos arquitetos Eduardo Souto de Moura e Nuno Graça Moura. O edifício fora outrora erigido por engenheiros militares para servir como uma Central Elétrica da Manutenção Militar. Para os dois arquitetos, os grandes desafios foram trans- formar um prédio industrial num espaço de restauração e, ao mesmo tempo, não perder a essência do local.

O local tem capacidade para mais de 200 lugares sentados.

Eduardo Souto de Moura referiu, durante a visita ao local, que um dos primeiros princípios que seguiram foi "pôr as máquinas todas à vista, [conceito] ligado a essa ideia de que isto era um edifício industrial".

Além da parte visível da microprodução, o chão foi coberto por azulejo tipo industrial e foi colocado um balcão de metal. "Tivemos o cuidado de manter tudo mais ou menos como estava. Havia também uma central de controlo ou uma central elétrica que transformámos num palco".

Para este projeto, o grupo Plateform, responsável pela parte da restauração, visitou fábricas internacionais de produção artesanal de cerveja. Sobre a carta, Rui Sanches diretor da Plateform, revela que foi um desafio encontrar os pratos que se harmonizassem bem com as cervejas.

"Estamos habituados a fazer *pairing* de *vinhos* e *cocktails*. É a primeira vez que fomos confrontados com este ótimo desafio, de pensar num menu que fizesse um bom *pairing* com cervejas. Desenhámos um menu que achamos ser uma abordagem moderna daquilo que na nossa opinião deve ser uma cervejaria", revelou, acrescentando que o menu será baseado na gastronomia tipicamente portuguesa com peixinhos da horta e bacalhau.

O menu terá a consultoria do *chef* Luís Gaspar, responsável pelos restaurantes Sala de Corte, Brilhante e Pica-Pau.

Neste espaço estarão disponíveis cervejas como a Browers Kellerbier, da adega Keller; a Browers Blanche, uma cerveja belga; a Browers IPA, uma Índia Pale Ale; e a Browers Nitro Stout, uma cerveja com notas de café e chocolate. A estas cervejas vão juntar-se outras marcas de cervejas nacionais e internacionais.

O espaço, de 700 metros quadrados, pode transformar-se ainda numa sala de eventos e tem capacidade para mais de 200 lugares sentados. Com a abertura do espaço, em outubro, está prevista uma programação com *workshops* cervejeiros e alguns concertos.

Diario de Noticias

A ESPANHA DE HOJE

D. ANTONIO MAURA

UMA TRAGEDIA DE AMOR

O sr. Rodrigues Gaspar

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 4 DE JULHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

A ESPANHA DE HOJE

D. ANTONIO MAURA

ANTIGO CHEFE DO PARTIDO CONSERVADOR

é entrevistado pelo enviado especial do "Diario de Noticias"

O terreno movediço da evolução politica — O sistema parlamentar e as modificações que virá a sofrer — As aspirações da Espanha

A velha politica espanhola — A questão de Marrocos e o general Berenguer — A obra do directorio e as forças ocultas da raça

Pela fidalguia do seu perfil, pela sua fisionomia castiça, pela nobreza das suas atitudes, pela vivacidade do seu alto Espirito, D. Antonio Maura é um sinonimo de Espanha, a imagem duma patria pintada pelo Greco... Dizer Espanha e dizer Maura é uma força de expressão...

Antonio Maura é a Espanha tradicional, a Espanha fechada, a Espanha dos conventos, a Espanha ultramontana, a Espanha de Toledo e do Escurial... Estar em frente de Maura é estar em frente da Historia, é estar em frente da gloria duma raça... Enquanto Maura fôr vivo, enquanto houver touros de morte, enquanto Sevilha celebrar a Semana Santa, a Espanha será grande, a Espanha será a pincelada mais viva na tela imensa do mapa-mundo...

D. Antonio Maura, que se afastou da politica quando a Espanha se afastou do caminho da tradição, vive agora no dôce exilio da sua casa, casa situada como não podia deixar de ser na Lealtad, na rua da Lealdade... D. Antonio Maura, que vive entre as suas ideias e os seus livros, que não gosta de ser interrompido na sua conversa com o passado, recebe-nos a custo, recebe-nos porque é nosso amigo, porque é amigo de Portugal...

A casa de Maura é uma casa severa, com as paredes forradas de velhos livros, com bronzes enigmaticos, com moveis conventuais, ambiente de muralhas em paredes modernas...

D. Antonio Maura, que nos acolhe com muita gentileza e muita fidalguia, é um homem alto, uma torre medieval, olhos de sol posto e barba muito branca, barba que dá a impressão de não ter sido negra, de ter possuido sempre aquela brancura honrada, aquela brancura que não quere dizer velhice, que é antes uma consequencia da eternidade da raça...

Na suposição de que Maura não deseje falar da politica espanhola do momento, da politica de Primo de Rivera, usamos do costumado passaporte diplomatico para atravessar a embaraçosa fronteira dos primeiros minutos da entrevista:

—O «Diario de Noticias» gostava muito de conhecer a opinião de D. Antonio Maura sobre a actual crise politica europeia, sobre a morte de Matteoti, sobre a demissão de Millerand...

—Vai-me perdoar que não lhe diga nada sobre a França... Todos sabem que as minhas ideias são bem opostas ás tendencias manifestadas em França, ultimamente. Na exposição dessas ideias eu iria ferir, sem querer, um país que admiro e onde tenho alguns amigos sinceros que militam num campo que está muito longe do meu...

—Parece-lhe, sem falar na França, que o chamado movimento das esquerdas é um movimento efemero ou um movimento com raizes?...

D. Antonio Maura, que desiste de jogar ás escondidas connosco, responde-nos com uma imagem:

—Quando o individuo está são, quando nada o ameaça, uma simples borbulha toma as proporções dum tumor, duma doença grave, incuravel... Quando o individuo é seriamente atacado, quando uma doença perigosa o põe na iminencia da morte, o doente pode ter a cara cheia de borbulhas que não dá por elas... Passa as mãos pelo rosto e não as sente... O mesmo se dá na vida, o mesmo se dá nas sociedades politicas. O problema das direitas e das esquerdas é uma borbulha com pretensões a tumor. Antes da guerra, quando o mundo não tinha nada que fazer, esse problema revestiu uma certa importancia, uma certa gravidade... Hoje, que o mundo foi atacado pela febre dos pantanos, ninguem pensa, a serio, nas direitas ou nas esquerdas... Já não existe uma fronteira entre essas duas correntes. Ambas têm aspectos radicais que se aproximam... O mundo precisa ser operado, urgentemente, e não pode estar a preocupar-se com ideias romanticas e antiquadas...

—O assassinio de Matteoti apressará a queda de Mussolini?

—O assassinio de Matteoti não me surpreendeu. As situações de força, situações necessarias nos países em crise, têm sempre uma hora violenta, uma hora injusta de perseguições que não é da responsabilidade dos governantes hora que é preciso sofrer a bem do futuro da patria e da sociedade... Admiremos Mussolini por ter conseguido retardar essa hora, por ter possuido a nobre coragem de castigar imediatamente os culpados, seus correligionarios, e por se ter mantido no poder com a Italia a seu lado e o mundo contra ele...

—O movimento de Primo de Rivera foi tão justificado como o movimento de Mussolini?

—Sem duvida... A velha politica espanhola não tinha razão de ser na hora que passa... Era uma politica burocratica, senil, inerte... Os partidos não tinham energia, não tinham força: eram arrecadações de bonzos, museus de estatuas mutiladas... Não havia tradição e não havia espirito moderno: havia decrepitude. Perdi a voz a indicar-lhes o caminho, a pedir-lhes que mudassem de processos... Não me quiseram ouvir.

O que aí estava, toda essa galeria de inutilidades, não foi sequer atacado, não foi sequer destruido... Caíu de pôdre, desmoronou-se, caíu porque já não se segurava nas pernas... Como sabe, o movimento triunfou sem ter sido necessario derramar uma gôta de sangue... Se houvesse um partido que ainda não estivesse queimado, que tivesse um ideal e uma finalidade, esse partido teria tomado conta do poder... Como não existia esse partido, o poder coube ao exercito, unica instituição que dá garantias de ordem, de força e de disciplina... A velha politica espanhola desabou pelo artificio, pela falta absoluta de sinceridade... O exercito não tem o habito da mentira. Os militares gostam de falar claro, gostam da franqueza... Eis a razão porque a situação lhes pertence...

—Existe uma reacção contra o Directorio?

—Não creio... O povo lembra-se de todas as velharias que o Directorio destruiu e não pode deixar de lhe estar grato... O que existe, naturalmente, é uma certa inquietação pelo futuro, pelo que vem a seguir... Uma situação militar não pode durar muito tempo. O que virá depois? O povo sofre com esta interrogação... E', de resto, a grande duvida que tortura todas as nacionalidades. Eu estou convencido de que não ha ninguem, neste momento, que possa prever o que será o mundo, politicamente, daqui a vinte anos... Estamos atravessando um periodo aflitivo de evolução. Inventam-se formulas, modificam-se instituições, derrubam-se velhos sistemas... E' este terreno movediço que traz as revoluções, as ditaduras, as sucessivas crises...

—O que pensa V. Ex.ª sobre o futuro do Parlamento?

—A justificada necessidade de modificar o Parlamento tem sido uma das causas da inquietação politica do momento. O Parlamento, tal como está, já não corresponde ao ambiente social da nossa epoca. E' preciso derrubá-lo e construi-lo de novo... Essa obra, porém, não se leva ao fim sem muita agitação, sem muitos choques, sem muitas revoluções...

—A inquietação de Espanha pelo seu futuro existiria se o Directorio tivesse realizado uma grande obra administrativa e uma grande obra politica?

—O Directorio Militar é impessoal... O povo quasi não sabe quem o compõe... Este ou qualquer outro directorio só tinha uma obra a realizar: destruir o que estava e abster-se de construir fôsse o que fôsse... A salvação da Espanha não está na ditadura, não está no rei, não está no exercito, está nas forças ocultas da raça, está no caracter dêste povo, está na sua ansia de vida...

—Essas forças ocultas encontram-se despertas ou estão adormecidas?

—Estão adormecidas, infelizmente. A passividade da Espanha, neste momento, desgosta-me, alarma o meu coração de patriota... Não ha uma reacção, não ha um gesto, não ha um impulso. A crise que me preocupa em Espanha é a crise da energia, a crise do povo... Mas tenho fé na alma de Espanha. Ela ha-de intervir quando fôr preciso, quando o momento fôr oportuno... A alma da raça, que é eterna, ha-de ressuscitar-nos...

—Qual a opinião de V. Ex.ª sobre a questão de Marrocos?

—Não quero pronunciar-me sobre essa questão. Pronunciei-me, na altura oportuna, e não fui ouvido... Não quero proceder como os outros procederam comigo. Estou ouvindo, atentamente, todos os alvitres, todas as soluções que se apresentam para resolver o assunto...

—E Berenguer?

—Berenguer é um perfeito homem de honra, um grande coração. Fala do seu caso com uma calma e uma serenidade que impressionam e comovem. E' como se estivesse a falar dum camarada...

—A formação desse partido novo, desse partido que ha-de suceder, no poder, ao Directorio e que ha-de concretizar as aspirações da Espanha moderna, precisa dum chefe... O nome de D. Antonio Maura parece-me indicado...

—Não vale a pena interrogar o futuro a esse respeito. Por enquanto, vivo completamente afastado da politica, entregue aos meus livros e aos meus papeis... A Espanha não quis seguir o caminho que lhe tracei... Não quero insistir... A Espanha salvar-se-á com o seu genio proprio... Eu assistirei contente á gloria da minha terra, quer ela se afirme num governo das direitas, quer ela se afirme num governo das esquerdas...

—V. Ex.ª concorda com uma politica de aproximação com Portugal?

—Eu acho que a Espanha e Portugal devem aproximar-se tanto quanto fôr possivel...

—Esse desejo de aproximação já tem provocado em Portugal alguns mal-entendidos...

—Os governos dos dois países são os culpados desses mal-entendidos. Em vez de os matarem á nascença, favorecem o seu desenvolvimento, dão-lhes a maior liberdade... E' preciso evitar esses atritos que não se justificam, que não se ajustam á boa amizade existente entre os dois povos...

E' tarde. Chegou o momento de fechar a entrevista, de nos despedirmos da velha Espanha... A noite começa a insinuar-se no gabinete de D. Antonio Maura e na sua propria expressão... O rosto do antigo presidente de Conselho toma os contornos duma agua-forte, daquela agua-forte de seu irmão que lhe reproduz as feições e que Maura nos oferece. Lá fóra as ruas, pacientes dromedarios das cidades, conduzem a casa, no seu dorso, com submissão e fatalismo, os homens e as mulheres... E' a hora intima do lar, a hora que expulsa todos os intrusos, a hora em que os homens publicos têm familia, têm ternura e amor...

D. Antonio Maura, silencioso, com a sua cabeça aureolada pelos cabelos brancos, á superficie da treva, é apenas um retrato, um retrato de claro-escuro, um retrato que já não tem mais nada a dizer-nos...

Saímos, discretamente. A' cidade espera-nos, á porta, com a sua alegria, com a sua juventude, com o seu trajo de «verbena»... E' um contraste repentino. Saímos da sombra, saímos da casa de D. Antonio Maura e entramos na luz, entramos em Madrid...

ANTONIO FERRO.

totoloto
SORTEIO: 053/2024
CHAVE: 1-14-35-37-40 + 1
NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Reportagem do DN *Tráfico de Seres Humanos* foi distinguida pela AMI

A reportagem *Tráfico de seres humanos para a agricultura em Portugal*, da jornalista Céu Neves e publicada no Diário de Notícias, (*na foto*) recebeu uma Menção Honrosa no Prémio AMI – Jornalismo Contra a Indiferença, uma parceria com o Sindicato dos Jornalistas e a AMI. Também a reportagem *O cancro tem latitude e longitude*, da jornalista Ana Tulha e do fotojornalista Leonel de Castro, para a Notícias Magazine, recebeu uma menção honrosa. Nesta edição foram premiados ainda os trabalhos *Violeta*, de Filipe Santa-Bárbara (TSF), bem como: *Ao fim de 40 anos, Vicente não queria sair da prisão*, de Ana Cristina Pereira (*Público*) e *Crimes em Claro*, de Susana André (SIC).

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Joe Biden: "Ninguém me vai empurrar para fora"

EUA Presidente assegura continuar na corrida "até ao fim" apesar da notícia de que estaria a ponderar retirar-se e de um trambolhão nas intenções de voto.

TEXTO **DAVID PEREIRA**

Joe Biden garantiu ontem que "ninguém" o vai fazer desistir da corrida presidencial, revelaram fontes do Partido Democrata que estavam presentes numa reunião virtual onde o presidente dos EUA entrou de forma inesperada.

"Deixem-me dizer isto tão claramente quando possível: sou candidato. Sou o líder do Partido Democrata. Ninguém me vai empurrar para fora. Não me vou embora. Estou nesta corrida até ao fim e vamos vencer", afirmou.

A declaração surgiu após Biden e a sua vice-presidente, Kamala Harris, terem convocado uma reunião com toda a equipa de campanha para fazer um discurso encorajador e garantir que o atual inquilino da Casa Branca não vai retirar a candidatura à reeleição.

Estas garantias surgem no dia em que o jornal *The New York Times* noticiou que Biden terá reconhecido a um aliado que a sua recandidatura poderá estar em causa se não conseguir convencer o público nos próximos dias de que está preparado para um novo mandato.

Embora o "aliado importante", cuja identidade não foi revelada pelo jornal, tenha sublinhado que o presidente "ainda está profundamente envolvido na luta pela reeleição", o chefe de Estado norte-americano entende que as suas próximas aparições na televisão e em eventos públicos "têm de correr bem". Porém, Andrew Bates, porta-voz da Casa Branca, rejeitou essas declarações: "Absolutamente falso".

Mas a pressão sobre Biden desde o seu desempenho desastroso no debate com Donald Trump, na semana passada, continua crescente.

Uma nova sondagem publicada também pelo *New York Times* mostra que, após o debate, Trump aumentou a sua vantagem sobre Biden, tendo agora mais seis pontos percentuais sobre o rival: 49% contra 43% das intenções de voto.

O recandidato dará amanhã a sua primeira entrevista desde o debate e terá ainda eventos de campanha nos próximos dias na Pensilvânia e no Wisconsin, dois estados-chave para definir o vencedor das eleições de 5 de novembro.

BREVES

Três mortos em naufrágio ao largo da Marinha Grande

Três tripulantes morreram, onze foram resgatados e três estão desaparecidos na sequência de um naufrágio de uma embarcação na madrugada de ontem ao largo das praias de São Pedro de Moel e Vieira de Leiria, Concelho da Marinha Grande. Três dos pescadores resgatados vão continuar internados, um dos quais em estado grave, de 57 anos, que se encontra nos Cuidados Intensivos do Hospital da Universidade de Coimbra, com problemas respiratórios e prognóstico reservado. As buscas pelos três pescadores desaparecidos, naturais da Praia da Leirosa, na Figueira da Foz, estão a decorrer entre estas duas praias por terra, por ar e por mar. O alerta para o adornamento da embarcação de pesca *Virgem Dolorosa* ao largo das praias de São Pedro de Moel e de Vieira de Leiria foi dado às 4.33 horas para o comando local da Polícia Marítima da Nazaré. O Presidente da República anunciou que entrou em contacto telefónico com os familiares das vítimas mortais e dos desaparecidos, e anunciou que estará no sábado na Figueira da Foz, para onde se deslocou ontem o primeiro-ministro.

Enfermeiros só aceitam aumentos de 400 euros

Cinco sindicatos de enfermeiros assinaram ontem com o Ministério da Saúde um protocolo negocial que incluiu a revisão das grelhas salariais, mas já lançaram um aviso para as negociações que se vão iniciar: "Os enfermeiros não vão aceitar aumentos salariais de menos de 400 euros, ou seja, menos do que dois índices remuneratórios na sua carreira. Deixámos isso bem claro na mesa negocial", disse Pedro Costa, presidente do Sindicato dos Enfermeiros (SE), à agência Lusa, após a reunião que decorreu no Ministério da Saúde. De acordo com Pedro Costa, está previsto que a proposta de atualização das grelhas salariais seja apresentada na próxima reunião, marcada para 17 de julho, mas os sindicatos comunicaram já "as linhas vermelhas que não vão aceitar" nesta negociação. Até final de julho serão realizadas mais três reuniões para as duas partes chegarem a acordo sobre a tabela salarial, disse o dirigente sindical, ao salientar que há ainda outras matérias que os sindicatos pretendem negociar, como a avaliação de desempenho para a carreira e a valorização da penosidade e do desgaste rápido da profissão. "Esperemos que o ministério, na próxima reunião, consiga chegar efetivamente onde pretendemos, porque senão acreditamos que o verão vai ser mais caótico", alertou Pedro Costa.

Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023002

56686